

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

WELLINGTON LOPES DOS SANTOS

O LÉXICO DO CANTO DO MANGUE

**JOÃO PESSOA/PB
2010**

WELLINGTON LOPES DOS SANTOS

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS**

O LÉXICO DO CANTO DO MANGUE

Dissertação apresentada à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em Letras. Área de Concentração: Linguagens e Cultura. Linha de Pesquisa: Semióticas Verbais e Sincréticas, da Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação da Prof. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão, como exigência para a obtenção do grau de Mestre.

**JOÃO PESSOA/PB
ABRIL / 2010**

WELLINGTON LOPES DOS SANTOS

O LÉXICO DO CANTO DO MANGUE

Dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em
____/____/____

Membros da Comissão Julgadora:

Prof. Dra. Maria do Socorro Silva de Aragão (UEPB)
Orientadora

Prof. Dra. Marinalva Freire da Silva (UEPB)
Membro da banca

Prof. Dra. Ivone Tavares de Lucena (UEPB)
Membro da banca

Prof. Dra. Josete Marinho de Lucena (UEPB)
Suplente

A minha família: Dira (mãe), Bezerra (pai),
Helber (irmão) e Ivanize (tia).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus, autor da nossa existência. Durante a realização deste curso, Ele sempre me conduziu para percorrer o caminho mais fácil a ser trilhado, bem como fortaleceu as minhas forças quando estas ameaçavam se esgotar. Sem a participação dele, o presente estudo não teria se tornado realidade e, portanto, MUITO OBRIGADO, meu Deus!

A minha mãe, Dira Lopes, por acompanhar não só os meus estudos desde o jardim de infância, mas por se fazer presente em todos os momentos da minha vida. Não tenha dúvidas: o seu amor é a minha maior riqueza.

A meu pai, Francisco Bezerra, o homem mais íntegro e mais honesto que eu já conheci. Os seus ensinamentos vão me acompanhar para sempre.

A meu irmão, Helber Lopes, companheiro fiel de todas as horas (alegres e tristes). A você, meu querido irmão, todos os meus agradecimentos e dedicação.

A meu irmão Kleber Lopes, que mesmo distante fisicamente, se faz presente em minhas lembranças.

A meu sobrinho, Gustavo Lopes, a criança mais amada da minha família. Mesmo distante, você jamais será esquecido.

A minha tia, Ivanize Lopes, sem sombra de dúvidas: a minha segunda mãe. A senhora, tia Nila, muito obrigado pelo seu amor e receba todo o meu amor duplo: de sobrinho e de filho.

As minhas queridas primas: Ivani Florêncio, Maristela Florêncio e Maize Lopes. A presença de vocês na minha vida é de valor inestimável.

A minha querida orientadora, professora Dr^a Maria do Socorro Silva de Aragão, mais que uma professora, uma eterna e verdadeira amiga. A senhora, professora Socorro, os meus mais sinceros agradecimentos pela amizade, profissionalismo, compreensão e, acima de tudo, atenção.

Aos queridos professores que são mais que mestres, pois são amigos eternos: Ivone Tavares de Lucena, Maria Angélica de Oliveira, Amador Ribeiro, Liane Schneider, Elisalva de Fátima Madruga e Maria de Fátima Batista. A todos vocês, toda a minha eterna gratidão.

A meu amigo, Wellington Medeiros, o verdadeiro sinônimo de amizade. A você, meu amigo, a minha mais sincera gratidão e amizade.

A meu amigo, Flávio Romildo, que desde o início acompanhou as minhas atividades acadêmicas. Mais que um amigo: compadre e irmão. A você, toda a minha amizade, admiração e respeito.

A minha amiga, Anchella Kathianny, pessoa mais que especial em todos os momentos. A você, “Chelinha” o meu eterno e sincero reconhecimento pela sua valiosa amizade.

A minha amiga, Rosália Monteiro, pelo grande incentivo em todos os momentos da realização da presente pesquisa.

A minha amiga, Francineide Damasceno, pela dedicação, sabedoria e amizade em todos os momentos da minha vida. A você, “Fran” os meus mais sinceros agradecimentos.

A minha amiga, Clécia Maria, a paraibana mais gente fina que poderia ter conhecido. Uma amiga como poucas. A você, a minha amizade eterna.

A Maria das Neves Pereira (Nevinha), mais que uma professora, uma amiga sempre pronta a dar valiosas sugestões. A você, Nevinha a minha mais sincera gratidão.

A minha amiga, Lúcia Firmo, muito obrigado pelo incentivo e amizade. Nunca me esquecerei dos nossos momentos divertidos em sala de aula.

A meu amigo, José João, amigo leal em todos os momentos. A sua amizade faz a diferença. Muito obrigado, de coração, por tudo.

A meu amigo, Robson Santiago, amigo como poucos. A você, “negão” a minha mais sincera amizade.

A meu amigo, Plínio Pereira, muito obrigado pela amizade e companheirismo.

A Socorro Buriti, pela grande ajuda no processo de elaboração desta pesquisa. Essa vitória tem a sua valiosa contribuição.

À Fabiana Santos, pessoa mais que especial em todos os momentos da minha vida. Essa vitória também é sua, “Bia”.

À Colônia de Pesca de Natal/RN, em especial a Rosângela Silva e Ana Carla Benedito. A vocês duas, os meus mais sinceros agradecimentos pela acolhida.

Ao professor e subsecretário de Aquicultura e Pesca do Rio Grande do Norte, Antônio Alberto Cortez, o meu muito obrigado pelas valiosas informações sobre a pesca no Estado do Rio Grande do Norte.

Ao amigo, José Airton de Vasconcelos, do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis/RN – IBAMA/RN, os meus mais sinceros agradecimentos pela atenção empregada na presente pesquisa.

Aos pescadores entrevistados: José Altamir (Biró), Edmilson Codernonse, Francisco das Chagas (Mardone), Antônio Freire Dantas (Caranguejo), José Paula Guedes (Dedé), Aluizio de Oliveira (Albacora), José Gomes (Dedé de Lecí), João Batista Ferreira (Cachimbeiro), Francisco Alves da Silva Neto (Neguinho) e José Celestino Pereira (Irmão Júnior). Sem a participação de vocês esta pesquisa não teria se tornado realidade. Os meus mais sinceros agradecimentos a todos vocês.

As pescadoras entrevistadas: Maria Zuleide Lopes, Tereza Félix (Têca), Denilza Rodrigues Gomes, Edileuza Silva Ferreira (Nêna), Francisca Canindé Costa de Macêdo (Ecurinha), Edilza dos Santos (Didiu), Marione do Nascimento Silva, Eliana Paulino, Maria Lúcia Teixeira de Sales (Tinha) e Luzinete Maria dos Santos (Neta). A todas vocês, o meu mais sincero obrigado.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – pelo incentivo financeiro creditado durante a realização da presente pesquisa. Os meus mais sinceros agradecimentos.

Finalmente, agradeço ao Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba, em especial, à ex-coordenadora, professora Liane Schneider, que desde o início do curso (em 2008) sempre se manteve e, se mantém, à disposição de todos nós, alunos matriculados no programa. O meu mais sincero obrigado.

"A língua de um povo é a sua alma."

Johann Gottlieb Fichte

RESUMO

É no léxico que se reflete a diversidade de visões de mundo dos indivíduos e os seus variados padrões culturais. No caso de uma língua em especial - como a de uma comunidade pesqueira - há um nivelamento vocabular inter-regional, inerente ao âmbito social restrito em que é utilizada. O vocabulário inter-regional vincula-se dentro dessa comunidade devido a vários fatores, dentre eles: o conhecimento de mundo e as técnicas específicas para a execução da pescaria. Para tanto, esta pesquisa teve como objetivo principal investigar à luz das teorias linguísticas (Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialetoлогия) o vocabulário que permeia na comunidade de pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN, através da apresentação de um glossário geral (profissional e sociocultural) que descreve, sobretudo, os termos participantes deste universo vocabular em língua portuguesa.

Palavras-chave: Lexicologia; Lexicografia; Sociolinguística; Etnolinguística; comunidade pesqueira.

ABSTRACT

Is at the lexicon that it reflects the diverseness as of visions as of world of the guys AND their varied norms crop. In the case of one language well into private like the from a community fishing boat is there a level vocabulary integrates - region, inherent to the ambit social restrained where it is used. The terminology integrates - region bond - in case that within doors of that community because of several suit, within doors they: The knowledge as of world AND the techniques specific for the execution from the fish. About to so much, this research does have as a objective central investigate at the light of the theories linguistics (Lexicology, Lexicography, Semantics, Sociolinguistics, Etnolinguistics and Dialetology) the terminology than it is to prevail at the community as of anglers from the I sing from the hose well into Natal/RN via the layout by one glossary than it is to he describes, most of all, the terms attendees he might give universe vocabulary well into Portuguese language.

Keywords: Lexicology; Lexicography; Sociolinguistics; Etnolinguistics; communities fishing.

LISTA DE ABREVIATURAS

adj. – adjetivo

exp. – expressão

s. f. - substantivo feminino

s. m.- substantivo masculino

v – verbo

LISTA DE SIGLAS

DHLP – Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa

MMDLP – Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa

NALP – Novo Aurélio da Língua Portuguesa

TND – termo não-dicionarizado

TDSE – termo dicionarizado com significado equivalente

TDSD – termo dicionarizado com significado diferente

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. A ORIGEM DA PESCA.....	19
1.1 A PESCA NO BRASIL.....	20
1.2 A PESCA ARTESANAL NO RIO GRANDE DO NORTE.....	23
1.3 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE O CANTO DO MANGUE.....	29
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	30
2.1 LEXICOLOGIA E LÉXICO.....	30
2.2 LEXICOGRAFIA.....	34
2.3 SEMÂNTICA.....	36
2.4 SOCIOLINGÜÍSTICA.....	46
2.5 ETNOLINGÜÍSTICA.....	49
2.6 DIALETOLOGIA.....	52
2.7 GLOSSÁRIO.....	58
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	64
3.1 DELIMITAÇÃO DO CORPUS.....	65
3.2 UNIVERSO DA PESQUISA.....	65
3.3 SELEÇÃO DA LOCALIDADE.....	65
3.4 SELEÇÃO DOS INFORMANTES.....	66
3.5 CRITÉRIOS DE AMOSTRAGEM.....	66
3.6 ESTRATIFICAÇÃO DA AMOSTRA.....	67
3.7 INSTRUMENTOS DE PESQUISA.....	68
3.8 EQUIPAMENTOS UTILIZADOS.....	68
3.9 LEVANTAMENTO DOS DADOS.....	69

3.10 REGISTRO DOS DADOS COLETADOS.....	71
4 ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO.....	73
4.1 A MACROESTRUTURA.....	73
4.2 A MICROESTRUTURA.....	73
GLOSSÁRIO DOS PESCADORES DO CANTO DO MANGUE.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	152
ANEXOS.....	156

INTRODUÇÃO

A comunidade do Canto do Mangue, está situada no Bairro da Rocas, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte e abriga centenas de pescadores e pescadoras profissionais que diariamente chegam de suas casas e saem para pescar no mar; chegam do mar após passar dias pescando; tratam e comercializam os peixes pescados; fazem a manutenção e a limpeza das embarcações; confeccionam redes de pescar; constroem as embarcações e ainda se divertem com conversas e histórias contadas pelos demais colegas de profissão.

Esses, portanto, foram os principais fatores sociais, culturais e profissionais que influenciaram diretamente na realização da presente pesquisa, intitulada: “O Léxico do Canto do Mangue” através de um glossário ilustrativo da linguagem dos pescadores e pescadoras que atuam profissionalmente na referida comunidade.

Foram horas a fio de estudos, investigações e entrevistas que revelaram as relações entre língua e sociedade (denominada de Sociolinguística) e as relações entre língua e cultura (denominada de Etnolinguística) que se dão entre os pescadores e pescadoras que atuam profissionalmente no Canto do Mangue.

O presente estudo visa preencher uma lacuna que estava em aberta, tendo em vista que não havia, até então, registros de um estudo de natureza linguística que investigasse a relação entre língua/sociedade e entre língua/cultura dos pescadores profissionais daquela localidade.

Ressaltamos, ainda, que a referida pesquisa está teoricamente embasada pelos pressupostos da Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialectologia. Tais teorias têm se tornado nos dias atuais importantes ferramentas para os estudos de natureza linguística. Através dessas disciplinas é possível observar, descrever e analisar aspectos linguísticos de acordo com o universo sociocultural de uma comunidade de falantes.

A Lexicologia, por sua vez, trata do estudo científico do léxico. Por meio da Lexicologia, torna-se possível observar e descrever cientificamente o léxico através de informações que revelam a experiência cultural, mudanças históricas e sociais responsáveis pela produção do discurso de uma determinada comunidade linguística.

Por meio da Lexicografia, conceituada como a arte ou técnica de compor dicionários, é possível realizar a transcrição do léxico e organizá-lo num glossário geral. Nesse sentido, a Lexicografia objetiva, sobretudo, a elaboração de dicionários, vocabulários e glossários.

A Semântica é um dos ramos da linguística que tem o objetivo principal de estudar nas questões relativas ao significados das palavras de uma determinada língua. De um modo geral, a Semântica é definida como a ciência que estuda a significação; o estudo do sentido das palavras e, de modo mais amplo, o estudo do sentido das palavras, da frase e do enunciado.

A Sociolinguística é o estudo da linguagem em relação com o contexto social ou com a estrutura social das comunidades falantes. Vale ressaltar, ainda, que a Sociolinguística é uma disciplina linguística que se inspira, sobretudo, nos métodos sociológicos de pesquisa através de registros, observações, descrições e análises para estudar a variação linguística que se apresenta no contexto social de uma determinada comunidade de falantes.

A Etnolinguística é o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes e, para tanto, a cultura que esta disciplina se propõe estudar não é no sentido de erudição, mas sim numa cultura baseada, sobretudo, nos costumes e nas tradições inseridos entre os falantes pesquisados. Vale destacar, ainda, que do ponto de vista linguístico, é importante limitar a Etnolinguística como disciplina linguística, não etnológica ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e cultura.

Já a Dialetoлогия é o estudo de natureza linguística que descreve os diferentes sistemas ou dialetos de uma determinada área geográfica. Para tanto, a Dialetoлогия se ocupa, sobretudo, em estudar as variações linguísticas apresentadas em um determinado espaço geográfico.

Os primeiros passos da presente pesquisa se deram ainda no início deste século, mais precisamente em janeiro do ano de 2000, quando eu tive a oportunidade de viajar até a ilha de Galinhos, município afastado cerca de 166 Km de Natal - capital do Estado do Rio Grande do Norte.

Na ilha de Galinhos não só tivemos a oportunidade de passar um final de semana prazeroso ao lado de familiares e amigos em uma praia de areias claras e águas cristalinas, como também, conhecemos alguns dos 1.500 habitantes que ali viviam: os pescadores artesanais locais.

Naquela ocasião, tivemos o privilégio de conversar com alguns pescadores, ora individualmente, ora coletivamente. Participamos um pouco do dia-a-dia da pesca artesanal local, bem como fomos apresentados a uma das manifestações linguísticas mais ricas que havíamos conhecido: o léxico do pescador artesanal da ilha de Galinhos.

Possuidores de uma prática milenar, os pescadores artesanais passam a maior parte de sua vida no mar, exercendo um trabalho contínuo, e quando estão em terra dividem-se entre as atividades profissionais: limpeza e manutenção das embarcações e a venda dos peixes; e as atividades pessoais: atenção à família, cuidados com a saúde e resoluções de problemas de cunho pessoal.

Diante de tantas atividades, a escola não conseguiu espaço privilegiado na vida desses profissionais que passam horas a fio no mar do litoral northeriograndense e, portanto, os pescadores com os quais conversamos eram em sua maioria analfabetos, mas detentores de uma riqueza lexical que carecia ser explorada e ganhar destaque através dos estudos de natureza linguística.

Naquele final de semana, nasceu o desejo de realizar um trabalho que não só retratasse a vida dos pescadores artesanais do Estado do Rio Grande do Norte, mas sobretudo, que revelasse a riqueza linguística que faz parte do contexto sociocultural desses profissionais que passam a maior parte da vida no mar exercendo o seu ofício em busca do sustento da família.

A princípio, a idéia era realizar este estudo com os pescadores artesanais que atuam na ilha de Galinhos, no Estado do Rio Grande do Norte, mas alguns fatores contribuíram para que essa idéia saísse de cena (distância de 166 Km entre Natal e Galinhos; difícil acesso: só de barco; e a falta de estrutura tecnológica: Internet e telefonia) e logo desse lugar para a escolha de outra localidade pesqueira.

Para tanto, novas localidades pesqueiras entraram em cena, mas uma, em especial - a comunidade do Canto do Mangue, em Natal/RN - fez com que o desejo de estudar a linguagem dos pescadores artesanais que atuam no Estado do Rio Grande do Norte se tornasse realidade.

Com essa finalidade, visitamos o Canto do Mangue, no bairro das Rocas e, em um primeiro momento, presenciamos um movimento intenso de pescadores e comerciantes de pescados numa verdadeira feira ao ar livre, o que ficou logo constatado que aquele local seria o mais apropriado para a realização da presente pesquisa.

Após essa primeira observação conversamos com um senhor que se identificou como pescador profissional e que logo passou a ser um dos informantes da presente pesquisa. De forma atenciosa e bastante colaborativa o informante prestou alguns esclarecimentos sobre o dia-a-dia da pesca. A referida conversa aconteceu informalmente e de forma rápida (sem os principais instrumentos de pesquisa: gravador, caneta, câmera fotográfica, papel), tendo em vista que o nosso objetivo naquele dia era apenas observar a realidade social dos pescadores daquela localidade.

A partir das informações desse primeiro informante conhecemos a presidente da Colônia de Pesca de Natal, Rosângela Silva Nascimento, que nos atendeu de forma atenciosa e prestativa demonstrando total interesse pelo desenvolvimento da presente pesquisa.

Cerca de uma semana após o primeiro encontro aconteceu o segundo contato com os pescadores do Canto do Mangue, sendo que desta vez, acompanhados da presidente da Colônia de Pesca, Rosângela Silva Nascimento. Na oportunidade, a presidente nos apresentou aos profissionais locais enfatizando, acima de tudo, a importância da referida pesquisa, pedindo a colaboração de todos os presentes. A partir daí então, foi efetivado o período de pesquisa de campo do presente trabalho intitulado: “O Léxico do Canto do Mangue”.

Do ponto de vista linguístico, os principais objetivos do presente estudo são:

1) Organizar um glossário do léxico dos pescadores que atuam profissionalmente no Canto do Mangue em Natal/RN.

2) Realizar um levantamento do léxico dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN, observando os seguintes fatores:

- a) Identificação dos termos dicionarizados com sentidos equivalentes;
- b) Identificação dos termos dicionarizados com sentidos diferentes;
- c) Identificação dos termos não dicionarizados.

Vale ressaltar, ainda, que os autores pesquisados que serviram de base para o registro dos termos dicionarizados com sentidos equivalentes, dos termos dicionarizados com sentidos diferentes e dos termos não dicionarizados foram:

- a) Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2007);
- b) Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (1998);
- c) Novo Aurélio da Língua Portuguesa (2004).

Com o objetivo de garantir a cientificidade e a veracidade das informações contidas nesta pesquisa foram adotados vários procedimentos teóricos e metodológicos e, para tanto, esta dissertação está organizada em quatro capítulos distintos.

O primeiro capítulo intitulado: A origem da pesca, faz uma abordagem geral sobre o percurso da atividade pesqueira no Mundo e no Brasil fornecendo informações indispensáveis sobre a pesca e a economia nacional. Na mesma linha, o capítulo prossegue fornecendo dados sobre a pesca no Estado do Rio Grande do Norte e a relação dessa atividade com a economia estadual. Finalizando o primeiro capítulo, será apresentado um breve histórico do Canto do Mangue.

Seja qual for o estudo científico, faz-se necessário recorrer a um instrumento de natureza teórica no sentido de que este forneça sustentação científica a pesquisa pretendida. Para tanto, o segundo capítulo reúne conceitos teóricos gerais sobre Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialectologia: disciplinas de natureza linguística que vão subsidiar na prática a relevância da nossa pesquisa para os estudos linguísticos da contemporaneidade.

No terceiro capítulo, está o detalhamento de como a pesquisa foi realizada apresentando, sobretudo, os aspectos de natureza metodológica: delimitação do corpus, seleção da localidade, seleção dos informantes, universo da pesquisa, critérios de amostragem, estratificação da amostra, tipo e perfil dos informantes, instrumentos de pesquisa, levantamento dos dados, aplicação dos instrumentos de pesquisa e, por último, o registro dos dados coletados.

No quarto e último capítulo, estão explicitadas a macro e microestrutura do glossário organizado, bem como segue o glossário de modelo onomasiológico da linguagem dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN.

Finalmente, seguem as considerações finais da presente pesquisa.

1. A ORIGEM DA PESCA

Conforme o lexicógrafo Houaiss (2009, p.575) a pesca é a “captura de peixes, crustáceos etc”. Embora essa definição seja baseada em conceitos extraídos na contemporaneidade, estudos de natureza sociológica e antropológica, remontam à hipótese de que a atividade pesqueira exista desde a Idade da Pedra.

As criaturas daquela Era, classificadas como hominídeos, utilizavam como fonte de alimentação: as florestas (para caçar animais e aves), os campos (para colher frutas e raízes) e os rios (para beber água e pescar peixes). Para Santos (1985, p. 13) “o que se sabe, através, de fragmentos de ossos e de pedras, de desenhos gravados nas cavernas, é que o homem primitivo caçava e pescava”.

Ainda de acordo com Santos (1985, p. 14), o hominídeo da Idade da Pedra “recolhia frutas e raízes na floresta, à beira-mar apanhava ostras, mexilhões e outros mariscos que se agarravam às pedras, que se ocultavam na areia ou jaziam nas águas lodosas”. Viviam “apanhando mariscos entre as pedras surpreendendo peixes que ali se ocultavam e polvos que por essas lapas se metiam, fugindo aos seus inimigos [...]” e, portanto, “[...] nesses esconderijos, pegava peixes à mão [...]”.

Como é possível observar, a atividade pesqueira naquela época era realizada de forma manual. Até então, não havia instrumentos que facilitassem a captura dos pescados. Ainda conforme Santos (1985, p. 14), “acontecia, no entanto, que com certos peixes taludos e polvos mais graúdos não era possível medir forças”. Para tanto, o hominídeo que habitava na Idade da Pedra “começou então a usar outra arma sutil, a inteligência, e assim descobriu a fisga, um pedaço de pau rijo e de ponta fina que penetrando no corpo do inimigo punha-o incapaz de lutar, logo se entregando morto”.

Conforme Santos (1985, p. 14), de posse da fisga, um instrumento novo, face à incapacidade de pescar peixes e polvos maiores, o hominídeo da Idade da Pedra começou a “fisgar peixes de superfície mais afoitos que vinham de envolta com as ondas até a arrebentação das águas nas praias [...]”. Ainda conforme o autor, mediante essas afirmações, “fica vencedora a tese dos que julgam que o homem na conquista do peixe começou pelo arpão e não pela linha armada de anzol”.

O aprimoramento das técnicas de pescaria entre os povos que habitavam a Idade da Pedra aconteceu lentamente, porém, de forma muito inteligente. Ainda de acordo com Santos (1985, p. 14):

[...]da aplicação do arpão à outra foi um passo, mas um passo longo e vagaroso porque na extensa noite da antiga Idade da Pedra, que os arqueólogos denominavam Período Paleolítico, tudo se fazia com lentidão. Depois de inventar fisgas e arpões de ossos e pontas de arpões desta substância bem como outras de pedras, e também anzóis de osso, parece que descansou milênios. Só pela idade do bronze foram aperfeiçoados os anzóis substituindo o osso por aquele metal.

A partir da invenção do anzol metálico, se configurava, então, a nova era da pescaria. Para Santos (1985, p. 14), “estava assim inventada a melhor arma de pesca, só mais tarde aperfeiçoada pelas redes e certos engenhos de apanhar peixes, como as várias espécies de gamboas, covos, paris, etc”. Ainda conforme esse autor (1985, p.14), “há, entretanto, quem afirme que na própria Idade Paleolítica já se fazia uso da rede”.

Diante do exposto, uma coisa é certa, como ilustra Santos (1985, p.17), “[...] a arte da pesca é antiga, pois nasceu nos primórdios da vida humana, para atender às exigências alimentares do homem”.

1.1 A PESCA NO BRASIL

Como é sabido por todos através dos historiadores, os primeiros povos a habitarem o Brasil foram os índios e assim como os hominídeos da Idade da pedra, a civilização indígena brasileira se alimentava, sobretudo da caça, da pesca e da colheita de frutos e raízes. Diferentemente dos povos primitivos a caça e a pesca realizada pelos índios era feita através do arco e da flecha.

A partir da chegada dos europeus (homens brancos) à América novas formas de pescarias foram implantadas em nosso País e se estendem até os dias atuais com o auxílio da Engenharia de Pesca. De acordo com o Diário de Pesca (2000, p.13-14), existem as pescarias de arremesso, corrico, barranco, com mosca, praia, rodada e batida.

A pescaria de arremesso é uma das modalidades mais técnicas que existem e vem crescendo o número de adeptos a essa modalidade. Para a pesca de arremesso é preciso conhecer bem as características e o comportamento dos peixes e também o local onde se pretende pescá-los. Usam-se iscas naturais ou artificiais. Tem que haver o movimento na isca para que o peixe pense que a isca está viva e foge. De preferência que sejam animais como peixes, sapos ou minhocas. As artificiais mais usadas são os *plugs* de meia água, de fundo e de superfície; *jigs*, colheres e *spinners*.

A pescaria de corrico é a modalidade em que o barco deve ficar em movimento, sempre de motor ligado. As iscas podem ser naturais ou artificiais, não faz diferença. O segredo da pesca de corrico é que o pescador deve arrastar a isca a uma distância de mais ou menos 20 e 50 metros com o barco sempre em movimento a uma velocidade baixa. Com esse movimento da embarcação é que a isca parece estar viva. Usam-se varas curtas e fortes e as linhas devem sempre acompanhar a ação do equipamento. As carretilhas, nesta modalidade, permitem um melhor desempenho.

A pescaria de barranco é a modalidade de pesca mais conhecida em todo o mundo. O lugar mais procurado e também preferido para se fazer barracos, ranchos de pesca ou acampamentos, é a beira do rio, lago ou represas. Usam-se equipamentos diversos como: varas com molinete ou carretilha, caniços simples feitos de bambu ou varas telescópicas de carbono, além da veterana linha de mão. Faz-se uma ceva (espécie de ração), que pode ser de farelo de arroz, mandioca, restos de comida ou milho, para que os peixes venham sempre se alimentar no mesmo local. Esta modalidade talvez seja a mais prejudicada pelo fato de que ao jogar a ceva nos rios, o pescador cause a poluição e com a construção de barracos e acampamentos desmatem as vegetações.

A pescaria com mosca é uma das modalidades mais antigas de pesca. O nome é característico do tipo de isca que se usa, imitando insetos, alimento natural de alguns tipos de peixes, como a truta. As iscas são feitas artesanalmente, com materiais como pêlos, fios de plástico, penas e até linhas de costura. Hoje, não só as espécies que se alimentam de insetos são capturadas. Com diversificação na confecção das iscas, é possível capturar peixes, crustáceos, rãs, etc., o que aumentou, em muito, as opções para a pesca com mosca, utilizada também para capturar espécies marinhas. O equipamento difere bastante dos tipos convencionais. Uma vara comprida e flexível, uma carretilha que mais se parece com uma bobina comum e uma linha grossa que na verdade, é a grande responsável pelo arremesso. O peso da linha é que leva a isca ao ponto desejado.

Vai se soltando a linha com movimentos constantes e sincronizados de “vai e vem”, movimento que ganhou o apelido de “chicotear”. A pesca com mosca é considerada muito mais que uma simples modalidade de pesca, ela é filosofia pura, pois o corpo e a mente devem estar sempre em uma total sintonia com a natureza.

A pescaria de praia é a modalidade que faz uso de varas longas, entre 2,5 e 5m; a linha deve ser fina, de modo que a isca não seja arrastada pelas ondas e possa alcançar maior distância. Ela pode ser praticada em praias fundas, mais conhecidas como tombo, ou em praias rasas, onde a profundidade vai aumentando gradativamente. Nesse caso, os arremessos devem ser mais longos, ou visando os canais, que são as partes mais profundas na arrebentação. Por diversas vezes será necessário entrar na água até a cintura a fim de se fazer melhores arremessos.

A pescaria de rodada é a modalidade que o barco deve descer o rio pela correnteza enquanto a isca vai se arrastando pelo fundo do rio. Outrora, se usavam varas de bambu com linha grossa ou linha de mão. Hoje, as varas de molinete e carretilha, também são muito usadas.

Por fim, a pescaria de batida, onde preferencialmente são usadas varas de bambu. O barco vai descendo bem próximo à margem do rio e o pescador vai batendo a isca na água, como se fosse uma fruta caindo. No Pantanal, essa modalidade é muito usada na pesca do Pacu. Tanto na pesca de rodada quanto na pesca de batida, principalmente, o silêncio e a pouca movimentação são fundamentais para o sucesso dessa pescaria.

A atividade pesqueira que compreende a captura de peixes marinhos tem uma relevante importância econômica em nosso País, pois é dela que decorrem o processo de industrialização do pescado, que por sua vez, oferece um amplo mercado de trabalho, conforme ilustra Filho (1991, p. 18):

A pesca, principalmente de peixes marinhos, ainda guarda uma importância vital para o setor, considerando-se as possibilidades que oferece para a industrialização, mercê da oferta constante para o mercado interno e para a exportação. No entanto, a pesca continental reveste-se de caráter eminentemente social, por fornecer ocupação profissional, permanente ou temporária, e proteína animal de alto valor para as populações.

Concluindo, a atividade pesqueira em nosso País é distribuída em duas classes: artesanal e industrial. A primeira, objeto do nosso estudo - tendo em vista que a nossa pesquisa foi realizada com os pescadores artesanais do Canto do Mangue, em Natal/RN - é realizada com embarcações de pequeno porte e a comercialização do peixe é feita diretamente entre o pescador e o cliente. A segunda, é realizada com embarcações de grande porte e os pescados são industrializados para importação e exportação.

1.2 A PESCA ARTESANAL NO RIO GRANDE DO NORTE

O Estado do Rio Grande do Norte possui uma costa de quase 400 quilômetros e é nessa faixa litorânea que a economia da pesca artesanal assenta-se representando cerca de 80% da produção pesqueira estadual, sobretudo, nos municípios de Tibau, Areia Branca, Macau, Caiçara do Norte, São Miguel do Gostoso, Touros, Rio do Fogo, Maxaranguape, Natal, Tibau do Sul e Baía Formosa.

Nos quase 400 quilômetros da costa norte-rio-grandense são encontradas diversas espécies marinhas que compõem a produção pesqueira do Estado, conforme assinala Santos (1985, p. 32):

No Rio Grande do Norte, com uma costa de quase 400 quilômetros, pescam-se numerosos excelentes peixes, quase sempre encontrados em seu mercado como sejam: albacoras diversas, arabaianas, arenque, (trata-se de uma sardinha, *Clupea harengus*), ariocó, agulhas, agulhões, biguaras, bonito-rei, bagres (distinguem diversos), badejo, budiões, cavalas, caranha, curimã, camurupim, cangulos, cações, carapebas, dourado, dentão, enxova, espada, garoupa (a branca, lavrada e verdadeira), galos, moréias, merote, pargos, pescadas (distinguem oito), parús, palombeta, pena, piruana, raias (distinguem meia dúzia), sirigados, serra, salema, solha, cioba, tainhas, ubaranas, voadores, xixarro, xaréu etc.

De acordo com Santos (1985, p. 32), além da diversidade de peixes citada anteriormente, a costa norte-rio-grandense possui “excelentes camarões que aparecem em vários pontos do litoral, notadamente na praia de Pititinga. Os camarões de Papari e de Arez são famosos, sendo exportados para Natal”.

Conforme assinala Santos (1985, p. 32-33), na costa do Estado do Rio Grande do Norte “lagostas e lagostins, especialmente estes, são encontrados despropositadamente, não sendo apreciados pelo povo”. Existem também outras espécies marinhas, como por exemplo “a abundância de siris, em número e espécies, é igualmente surpreendente”. Ainda na costa se pescam “lulas e polvos”.

Vale ressaltar também que a pesca artesanal realizada na costa do Estado do Rio Grande do Norte é feita em embarcações de pequeno porte, sendo estas denominadas: bote e barco a motor. De acordo com o Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado do Rio Grande do Norte (2007, p. 5):

A frota é da ordem de 3.764 embarcações pesqueira, bem como um contingente de 115 pescadores que operam sem a utilização de embarcações. Na sua maioria, as embarcações estão abaixo de 12 metros de comprimento, conseqüentemente, inferior a 20 TAB (Tonelagem de Arqueação Bruta). São confeccionadas de madeira, possuem sistema de conservação a gelo, suas viagens não ultrapassam 15 dias de mar, com propulsão a vela (50,1%), motor (30,6%) e remo (19,3%).

A arte da pesca é realizada no Estado do Rio Grande do Norte através da linha, rede de espera, arrasto de porta, arrasto de praia, espinhel, caçoeira, tainheira, rede de agulha, mangote, tarrafa, mergulho livre, covo, puçá e compressor. Conforme o Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado do Rio Grande do Norte (2007, p. 5):

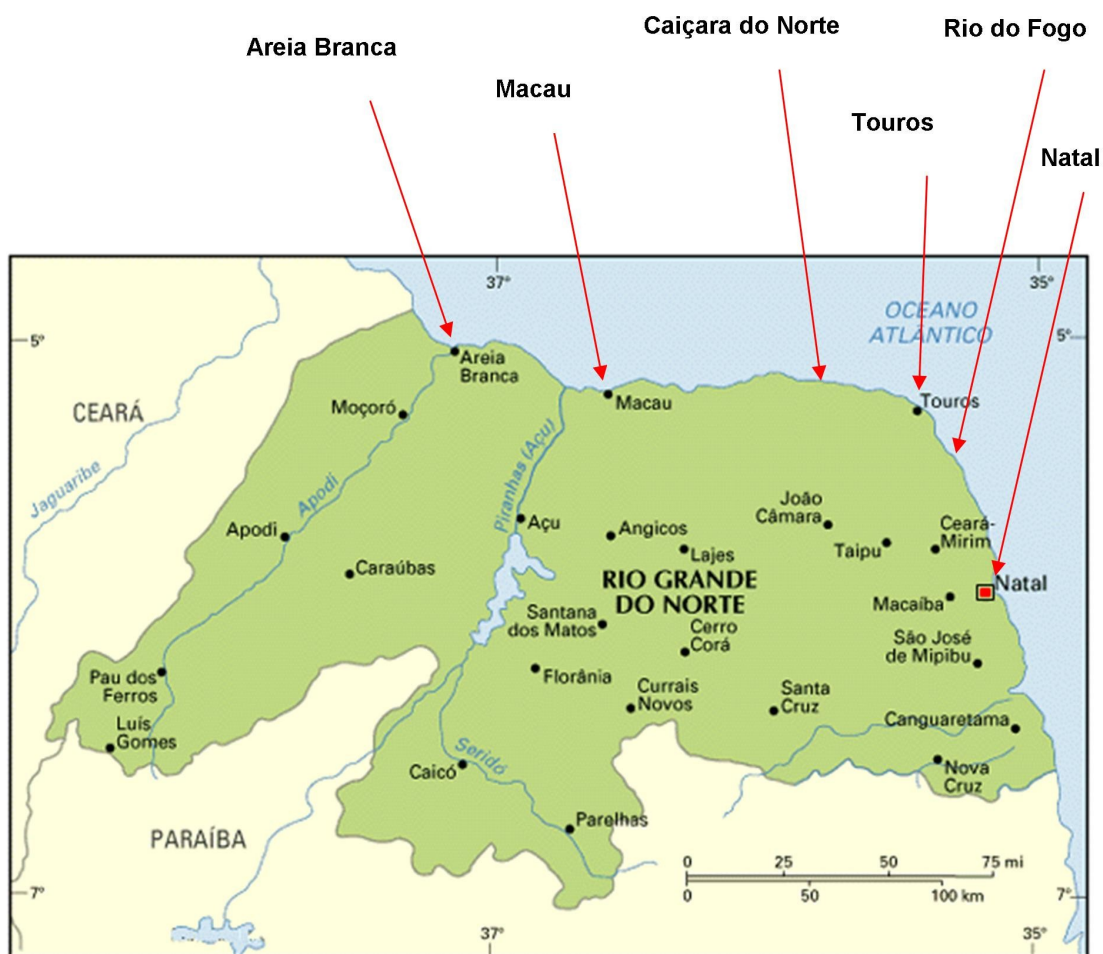
As embarcações motorizadas, na sua maioria, dedicam-se à captura de atuns e afins, com espinhel, tipo “long-line”, lagostas, com rede de espera, tipo caçoeira, mergulho, auxiliado com compressor, e covo, enquanto as embarcações à vela operam com linha, rede de malhar e jererê e as embarcações a remo utilizam-se de tainheira, tarrafa e tresmalho para captura de peixes e camarão dos estuários.

**NÚMERO DE MUNICÍPIOS E LOCAIS DE DESEMBARQUES EXISTENTES NO
LITORAL DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE QUE SÃO
ACOMPANHADOS ATRAVÉS DO CONTROLE DE APARELHOS DE PESCA E
CONTROLE DE PRODUÇÃO, REFERENTE AO ANO DE 2007.**

Municípios	Nº de locais de desembarque	Nº de locais com controle da produção	Nº de locais com controle dos aparelhos de pesca
Baia Formosa	02	01	02
Canguaretama	05	01	05
Vila Flor	01	-	01
Tibau do Sul	09	-	09
Arês	04	01	04
Senador Georgino Avelino	02	-	02
Nísia Floresta	06	02	06
Parnamirim	02	-	02
Natal	08	02	08
Extremoz	02	-	02
Ceará Mirim	02	-	02
Barra de Maxaranguape	03	02	03
Rio do Fogo	03	01	03
Touros	07	03	07
São Miguel de Gostoso	05	01	04
Pedra Grande	02	01	02
São Bento do Norte	01	-	01
Caiçara do Norte	02	01	02
Galinhos	02	02	02
Guamaré	02	01	02
Macau	06	04	06
Porto do Mangue	04	02	04
Areia Branca	12	03	12
Grossos	03	-	03
Tibau	02	-	02
Total	97	28	97

Fonte: Ministério do Meio Ambiente / IBAMA-RN

MAPA DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE, COM INDICAÇÃO DOS PRINCIPAIS PONTOS DE DESEMBARQUES DO LITORAL.



Fonte: Ministério do Meio Ambiente / IBAMA-RN

De acordo com o Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado do Rio Grande do Norte (2007, p. 7) a produção de pescado marítimo cresceu no ano de 2007 (último levantamento estatístico sobre a produção anual de pescado no RN) 12,5% em relação ao ano anterior:

A estimativa da produção pesqueira marítima e estuarina do estado do Rio Grande do Norte, referente a 2007, foi de 17.983,8 toneladas, representando um acréscimo de 12,5%, se comparado a 2006 que alcançou a cifra de 15.983,2 toneladas. Ressalte-se que esse acréscimo deveu, em sua maior parte, a introdução de um índice na produção desembarcada da pesca industrial (albacoras – 12%, agulhões – 20%, espadarte – 40% e cações – 40%) visto que em anos anteriores a produção referia-se ao peso eviscerado, enquanto, em 2007, o peso dos atuns e afins refere-se a peso inteiro, o mesmo índice utilizado para informar os dados de produção a Comissão Internacional para a Conservação do Atum do Atlântico – ICCAT.

Ainda conforme o Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado do Rio Grande do Norte (2007, p. 7 - 8), o aumento da produção de pescado no ano de 2007 deve-se, sobretudo, às pescas artesanal e industrial:

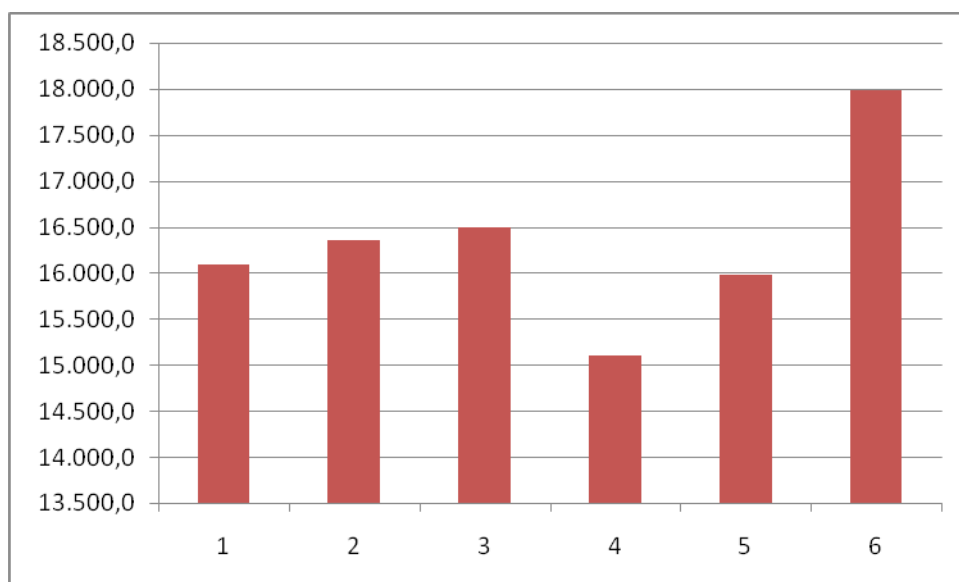
Esta produção é oriunda tanto da pesca artesanal (embarcações abaixo de 20 TAB - Tonelagem de Arqueação Bruta), representando 65,6% do total (11.797,6 toneladas), sendo capturada por embarcação, na sua maioria, de pequeno e médio porte (inferior a 12 metros de comprimento), com propulsão a remo, vela e motor, como da pesca industrial (captura de atuns e afins, com espinhel long-line e linha), correspondendo a 34,4%, ou seja, 6.186,2 toneladas, capturada por 35 embarcações, sendo 8 arrendadas e 27 nacionais.

**PRODUÇÃO PESQUEIRA (T E %) MARÍTIMA E ESTUARINA DO ESTADO
DO RIO GRANDE DO NORTE REFERENTE AO ANO DE 2007.**

Classe	Produção (t)	%
Peixes	16.460,7	91,5
Crustáceos	1.347,2	7,5
Moluscos	175,9	1,0
Total	17.983,8	100,0

Fonte: Ministério do Meio Ambiente / IBAMA-RN

**EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO PESQUEIRA MARÍTIMA E ESTUARINA DO
ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – 2002 A 2007.**



Fonte: Ministério do Meio Ambiente / IBAMA-RN

1.3 BREVE CONSIDERAÇÕES SOBRE O CANTO DO MANGUE

O canto do Mangue está localizado no bairro das Rocas – à margem do Rio Potengi – principal porta de entrada de navegações na cidade do Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. As primeiras referências à colônia de pescadores do Canto do Mangue datam a partir de 1922, quando os primeiros bairros de Natal dividiam-se entre a Cidade Alta e a Ribeira.

O bairro das Rocas está localizado ao Norte com o bairro de Santos Reis, ao Sul com o bairro de Petrópolis e Ribeira, ao Leste com a praia do Meio e Santos Reis e ao Oeste com o bairro da Ribeira.

Embora existam mais duas colônias de pesca em Natal: Ponta Negra e Redinha, o Canto do Mangue é a principal colônia de pescadores, tendo em vista que boa parte dos pescados consumidos na capital, bem como os que são exportados para as mais diversas regiões do mundo, desembarcam nesse local.

Atualmente, a colônia de pescadores do Canto do Mangue conta com aproximadamente 350 profissionais que atuam diariamente na pesca artesanal. O local concentra uma grande quantidade de embarcações e, conseqüentemente, reúne os profissionais que detêm uma técnica milenar adquirida através da herança dos antepassados.

A colônia de pescadores do Canto do Mangue abriga, sobretudo, pescadores e pescadoras que em sua totalidade são profissionais humildes. São pessoas que levam uma vida pessoal e profissional através de hábitos simples e sadios.

Geralmente, quando não estão cumprindo o expediente profissional (no mar, pecando ou em terra comercializando o pescado e fazendo a manutenção das embarcações), estão em casa, no seio familiar, cumprindo com os afazeres domésticos, matrimoniais, maternos e paternos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta pesquisa se baseia, principalmente, nos princípios teóricos da Lexicologia, por se tratar do levantamento do léxico que se faz presente na linguagem dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN. Serão também utilizados como aportes teóricos: a Lexicografia, por se tratar de um estudo que traz como produto final um glossário da linguagem dos referidos pescadores; a Semântica, por ser a ciência que estuda os processos da significação; a Sociolinguística, por ser um trabalho que estuda as relações entre língua e sociedade; a Etnolinguística, por estudar a relação entre a linguagem e a cultura dos pescadores e, por último, a Dialetoлогия, por ser um trabalho que também faz referência aos dialetos e as variações contidas na linguagem dos pescadores.

2.1 LEXICOLOGIA E LÉXICO

Para um melhor entendimento do campo de atuação desta pesquisa, faz-se necessário não perder de vista os conceitos básicos de Lexicologia e léxico. Portanto, para o lexicógrafo Ferreira (1989, p. 424-425) “A Lexicologia é a parte da gramática que se ocupa da etimologia das palavras e das várias acepções delas”. Já “o léxico é um dicionário. Um dicionário abreviado. É o conjunto das palavras usadas numa língua, ou num texto, ou por um autor”. Nesse sentido, por meio da Lexicologia, torna-se possível observar e descrever cientificamente o léxico através de informações que revelam a experiência cultural de uma determinada comunidade linguística, como afirmam Oliveira e Isquierdo (2001, p. 9):

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-linguístico cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a sua maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos da cultura.

As relações entre língua e sociedade, como também, língua e cultura são investigadas sob diversos aspectos à luz da teoria linguística no que se refere à origem, à forma e o significado das palavras que constituem o léxico de uma língua, pois segundo Aragão (2005, p. 1), “as relações entre língua, sociedade e cultura são tão íntimas que, muitas vezes, torna-se difícil separar uma da outra ou dizer onde uma termina e a outra começa”. Além dessa forte ligação, “[...]um outro fator entra em campo para também introduzir dúvidas quanto à linguagem utilizada por um determinado grupo sócio-cultural: o fator geográfico, regional ou diatópico” e, portanto, “algumas variações ditas regionais, podem ser, muitas vezes, sociais; se sociais, podem ser relativas aos falantes, que têm uma determinada marca diageracional, diagenérica ou mesmo diafísica”.

Ainda sobre o léxico de uma língua, Biderman (2001, p. 13), comenta que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente [...]”. Assim sendo, “[...] a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo [...]”. Nesse sentido, ao estabelecer semelhanças entre seres e objetos em instituições diferentes “[...] o homem foi estruturando o mundo que o cerca [...]” e, portanto, “[...] foi esse o processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais [...]”. Nessa medida, podemos considerar que “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras”.

O léxico de uma língua nada mais é do que o conhecimento cultural de uma determinada comunidade de falantes adquirido através do tempo, da história e da experiência de cada indivíduo. De acordo com Biderman (2001, p. 13-14), “os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência [...]”. Ainda conforme essa autora, é “[...] através de um processo criativo de organização cognoscitiva desses dados que surgem as categorizações linguísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais [...]”. Nesse sentido, “[...] o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto, os símbolos, ou signos linguísticos, se reportam ao universo referencial”.

Assim sendo, o estudo científico do léxico leva em consideração, principalmente, a observação dos fatores linguísticos e extralinguísticos que são responsáveis pela variação de uma determinada comunidade de falantes. Conforme Biderman (2001, p. 14), “[...] o universo conceptual de uma língua natural pode ser descrito como um sistema ordenado e estruturado de categorias léxico-gramaticais [...]”. Nesse contexto, “[...] as palavras geradas por tal sistema nada mais são que rótulos, através dos quais o homem interage cognitivamente com seu meio [...]”.

O léxico de uma língua também pode ser considerado como o acervo de vocábulos de um determinado grupo de falantes que é transmitido de uma geração para a outra e assim sucessivamente, pois para Biderman (2001, p. 13), “o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história [...]”. Assim sendo, as línguas de uma civilização se constituem como “[...] um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras [...]”. Nesse sentido, “[...] no processo individual de cognição da realidade, o falante incorpora o vocabulário nomeador das realidades cognoscentes juntamente com os modelos formais que configuram o sistema lexical”.

Ainda sobre o conceito de léxico, Vilela (1979, p. 9) define:

Por léxico, numa língua poder-se-à entender o dicionário no duplo sentido de conjunto de palavras dessa língua e a sua inventariação (dicionarística ou lexicográfica), a competência lexical do falante/ouvinte nativo numa língua e, na perspectiva resultante da função representativa da linguagem, o conjunto das unidades léxicas (as unidades que representam a realidade extralinguística) numa língua.

Considerando que o léxico é um conjunto de unidades linguísticas básicas (morfemas, palavras e locuções) que se encontram listadas por ordem alfabética num dicionário, concordamos com Vilela (1979, p. 9-10) ao afirmar que “[...] o léxico numa língua identifica-se com a noção de dicionário de língua e ou inventariação dicionarística das entradas lexicais [...]”.

Nesse sentido, entendemos que o vocabulário é parte integrante do léxico de uma língua e que está inserido diretamente no contexto sociocultural do falante. Para Vilela (1979, p. 10), o léxico “[...] representa um sistema de possibilidades no locutor/ouvinte ideal [...]”, o que conseqüentemente “[...] abrange as palavras reais (dado o caráter aberto do léxico torna-se muito difícil um envolvimento exaustivo das palavras reais) pautadas pela norma (documentadas) e ainda as palavras possíveis (com base nas regras de formação)”.

Compreendendo, então, a distinção entre léxico (termo reservado à língua) e vocabulário (termo ligado ao discurso), Andrade e Henriques (2004, p. 65), ilustram:

Léxico e vocabulário são dois termos empregados usualmente com a mesma acepção – conjunto de palavras de uma língua, um autor ou uma obra. Modernamente, distingue-se léxico de vocabulário: léxico é um inventário, teoricamente finito, mas dificilmente mensurável, de todas as palavras realizadas e potenciais de uma língua. Vocabulário refere-se apenas às palavras efetivamente realizadas ou empregadas no discurso.

Considerando a aproximação entre os termos: léxico e gramática, Perini (2006, p. 155), explica:

Léxico e gramática são muito intimamente ligados, porque as características dos itens lexicos são em grande parte expressas em termos de categorias gramaticais. Por exemplo, uma palavra como *eu* é marcada (no léxico) como podendo ser sujeito de uma oração, mas não objeto - e sabemos que oração é uma classe gramatical, e sujeito e objeto são funções gramaticais [...].

Em linhas gerais, ainda de acordo com Perini (2006, p. 151), o léxico nada mais é do que “aquele grande repositório de informação sobre as palavras e outras unidades, que temos que memorizar para poder usar a língua com fluência”. Nesta mesma perspectiva, a importância da Lexicologia é apontada por Ullmann (1964, p. 62) quando diz que “a palavra desempenha um papel de tal modo decisivo na estrutura da língua que necessitamos de um ramo especial da linguística para examinar em todos os seus aspectos. Chama-se a esse ramo Lexicologia [...]”. Para o autor, a Lexicologia é uma subdivisão dentro da Linguística que transforma a palavra em objeto de estudo.

No subítêm posterior trataremos da Lexicografia - arte ou técnica de elaborar obras dicionarísticas - como o segundo passo teórico para o desenvolvimento desta pesquisa.

2.2 LEXICOGRAFIA

O presente estudo é uma análise léxico-semântica da linguagem dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. O produto final desta dissertação é um glossário dos termos por eles utilizados no cotidiano profissional e social.

Por meio da Lexicologia, tornou-se possível observar e descrever o léxico através de informações que revelaram a experiência cultural, mudanças históricas e sociais responsáveis pela produção do discurso desta comunidade linguística e, por meio da Lexicografia, arte ou técnica de compor dicionários, foi possível realizar a transcrição do referido léxico num glossário geral dos pescadores ora estudados.

A Lexicografia é um importante instrumento para os estudos linguísticos que objetiva, sobretudo, a elaboração de dicionários. A atividade lexicográfica é antiga e tradicional, conforme assinala Biderman (2001, p. 17):

A Lexicografia é a ciência dos dicionários. É também uma atividade antiga e tradicional. A Lexicografia ocidental iniciou-se nos princípios dos tempos modernos. Embora tivesse precursores nos glossários latinos medievais, essas obras não passavam de listas de palavras explicativas para auxiliar o leitor de textos da antiguidade clássica e da Bíblia na sua interpretação. A Lexicografia só começou, de fato, nos séculos XVI e XVII com a elaboração dos primeiros dicionários monolíngues e bilíngues (latim e uma língua moderna). Os primeiros dicionários em língua portuguesa dignos de nome são: o Vocabulário Português-Latino, de Rafael Bluteau (1712-1728), obra bilíngue em 8 volumes e o Dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Moraes Silva (1ª ed. 1789; 2ª ed. 1813). Quanto aos dicionários técnico-científicos, no português, eles são obra do século vinte; na verdade, nessa área estamos apenas começando.

Ainda conforme Biderman (2001, p. 17), no decorrer dos últimos séculos “[...] a descrição do léxico foi efetivamente realizada pela Lexicografia e não pela Lexicologia [...]”, mas era executada como uma práxis pouco científica.

Segundo a autora “[...] é muito recente, pelo menos entre nós, o advento de um fazer lexicográfico fundamentado numa teoria lexical e com critérios científicos [...]”. Nesse sentido, “[...] hoje, porém, é a Lexicografia que vem despertando grande interesse entre os linguistas [...]”.

A Lexicografia ocupa-se primordialmente da descrição do léxico, conforme relatam Haensch, Wolf, Etinger e Werner (1982, p.93):

Para qualquer domínio a descrição do léxico enfoca o estudo e a descrição dos Monemas e Sinmonemas individuais, dos discursos individuais, dos discursos coletivos, dos sistemas linguísticos individuais e dos sistemas linguísticos coletivos, reservamos o termo de "Lexicografia"[...]. [...] É evidente que não se pode conceber uma Lexicologia que não leva em conta dados lexicográficos; mas também é verdade que as tarefas da Lexicografia são muito mais fáceis de cumprir levando em conta, para isso, a totalidade do sistema linguístico individual ou coletivo, ou seja, se tivermos em conta os enfoques lexicológicos.¹

Assim como várias outras disciplinas das mais diversas áreas do conhecimento humano, a Lexicografia adotou uma metodologia científica própria de atuação no campo de estudo, conforme enfatizam Haensch, Wolf, Etinger e Werner (1982, p.93):

¹ Para todo domínio de la descripción léxica que se concentre en el estudio y la descripción de los monemas y sinmonemas individuales de los discursos individuales, de los discursos colectivos, de los sistemas lingüísticos individuales y de los sistemas lingüísticos colectivos, reservamos el término de “Lexicografía” [...]. [...] Es obvio que no se puede concebir una Lexicología que no tenga en cuenta datos lexicográficos; pero también es verdad que las tareas de la Lexicografía son tanto más fáciles de cumplir si se tiene en cuenta, para ello, la totalidad del sistema lingüístico individual o colectivo, es decir, si se tienen también en cuenta los enfoques lexicológicos.

Muitas disciplinas científicas têm desenvolvido uma metodologia científica própria; o mesmo ocorreu também com a Lexicografia, que se dedica às tarefas lexicográficas de uma determinada dimensão (sobre a elaboração de dicionários). Necessita de amplos conhecimentos teóricos sobre as possibilidades e os supostos métodos desta atividade. Nestes supostos métodos repercutem, por um lado, os conhecimentos de todos os ramos da Linguística, e por outro, as condições e exigências do trabalho, práticas tecnológicas e sócio-econômicas. Para designar a metodologia científica da Lexicografia, nós escolhemos o termo "teoria da Lexicografia".²

Nessa perspectiva, conforme argumenta, Haensch (1982, p. 95) “a classificação das obras lexicográficas (dicionários, vocabulários, glossários, etc) constituem uma tarefa muito árdua e enfrenta não poucos problemas, tanto teórico-linguísticos como práticos”.

No subítem seguinte abordaremos as teorias semânticas - a terceira fundamentação teórica deste estudo – tendo em vista que a Semântica é a ciência que estuda o processo de significação.

2.3 SEMÂNTICA

Levando em consideração que esta pesquisa é de natureza léxico-semântica faz-se necessário, também, registrar o percurso da Semântica como um dos ramos da Linguística que tem o objetivo principal de estudar as questões relativas aos significados das palavras de uma determinada língua. O conceito geral de Semântica como “a ciência da significação” foi dado por Michel Bréal, ainda no séc. XIX, conforme explicam Rector e Yunes (1980, p. 12):

² Muchas disciplinas científicas han desarrollado una metodología científica propia; lo mismo ocurrió también con la Lexicografía. El que se dedica a tareas lexicográficas de cierta envergadura (sobre todo a la elaboración de diccionarios) necesita amplios conocimientos teóricos sobre las posibilidades y los supuestos metódicos de esta actividad. En estos supuestos metódicos repercuten, por un lado, los conocimientos de todas las ramas de la lingüística, y por otro, las condiciones y exigencias de trabajo prácticas, tecnológicas y socioeconómicas. Para designar la metodología científica de la Lexicografía, hemos escogido el término “teoría de La Lexicografía”.

A Semântica propriamente dita começou no séc. XIX com Michel Bréal. Semântica (*semantiké tēchne*) é a “ciência da significação”; provém do verbo *sēmainō* “significar” que, por sua vez, é derivado de “*sēma*” (sinal), em oposição à fonética, “ciência dos sons da fala” (Bréal, 8). Segundo Bréal, a semântica consiste no estudo da causa e da estrutura dos processos de mudança nas significações das palavras. Portanto, o enfoque de Bréal é diacrônico.

Partindo do princípio, mais precisamente da história da Semântica, existem três modos diferentes, entre os linguistas, de conceituar a Semântica. A primeira, Lyons (1978, p. 9) afirma que “a Semântica é o estudo do sentido”. A segunda, Guiraud (1955, p. 5) declara que a “a Semântica é o estudo do sentido das palavras”. A terceira, Lerat (1983, p. 3) sustenta que “a Semântica é o estudo do sentido das palavras, das frases e dos enunciados”.

Com relação a essas diferentes correntes de pensamento, Tamba-Mecz (2006, p. 10-11), considera que na primeira concepção, “baseada na noção comum e pré-teórica de sentido, perde-se no emaranhado das definições do conceito proteiforme de sentido”. Nesse sentido, ela vai diretamente “ao encontro do projeto que a Semântica inaugura: concentrar-se apenas nas características linguísticas das significações, sem preocupação com seus demais aspectos, filosóficos ou psicológicos” e, portanto, “ela desmonta a base de todo empreendimento científico de estudo do sentido nas línguas. É a *antissemântica* por excelência”.

Já a segunda concepção, a que trata de uma Semântica lexical, “limita o *sentido* ao sentido das palavras, consideradas como unidades de significação sobre as quais repousa o sentido das línguas. Para os adeptos dessa Semântica austera, falar de significação implica que se trata, evidentemente, da significação das palavras ou unidades lexicais”. É daí, portanto, conforme a autora, “que surge a possibilidade de erros de interpretação por parte daqueles que não adotam essa concepção restrita ao sentido linguístico”.

A terceira e última concepção, considerada como a Semântica global, “cobre todos os fenômenos de sentido ligados aos sistemas e aos usos das línguas”. Ainda conforme a autora, “essa Semântica gulosa devora, sem ordem nem continuidade, os pedaços de significação que vão trinchando para ela os diferentes pontos de vista e níveis da análise linguística: fonológico, lexical, gramatical, enunciativo, lógico, pragmático, diacrônico, sincrônico, etc”.

Para uma melhor compreensão da ciência da significação esboçaremos a seguir um breve histórico das teorias semânticas englobando: a semântica estruturalista, a semântica formal, a semântica argumentativa e a semântica cognitiva, pois estudam o mesmo fenômeno: a significação, mas com conceitos e enfoques diferentes.

Dada a complexidade da matéria, a Semântica só ganhou forças graças ao estruturalismo, a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure, em 1916, na Europa. Em sua obra: *Curso de Língua Geral*, a Semântica é tratada sob o ponto de vista estrutural, sobretudo, devido aos postulados dos estudos sincrônicos o qual ganha destaque a língua e não a linguagem. Em outras palavras, o que é fundamental e norteia a teoria estrutural de Saussure é a língua na função de objeto e não a linguagem como uso do objeto.

Sobre a linha Semântica estrutural elaborada por Saussure, Lopes (1972, p.234-235), comenta:

No CLG, Saussure distingue as relações intra-sígnicas – relações “verticais” no interior de um mesmo signo entre o significante e o significado – das relações intersígnicas – aquelas que cada signo mantém com os demais signos presentes no mesmo enunciado. A parole se desenvolve sintagmaticamente, ao longo de um virtual eixo de sucessões onde cada elemento discreto (“palavra”) ocupa uma posição significativa. Graças a isso, o significado desse elemento não provém da sua natureza, mas sim, por um lado, da posição que ele ocupa por referência aos outros elementos coocorrentes em seu contexto e, por outro lado, ele depende dos elementos ausentes desse mesmo contexto, mas por ele evocados, na memória implícita da langue.

Ainda sobre a Semântica de linha estrutural, mais precisamente sobre o valor do signo linguístico, Lopes (1972, p. 235), acrescenta:

Assim, raciocinava Saussure, um elemento linguístico é um puro valor e o seu significado fica determinado num duplo enquadramento: o *sintagmático*, discernível no contraste entre elementos discretos *in praesentia* na parole, e o *paradigmático* (ou associativo), discernível nas oposições instauradas entre os membros da mesma classe de palavras e memorizáveis na langue.

A Semântica estrutural, tal como proposta por Saussure, apóia-se na teoria de que um signo é composto por duas ferramentas fundamentais: conceito e acústico. Para tanto, a língua apresenta dois planos fundamentais que a conceituam: o das idéias e o dos sons, o que representam: conceitos e fonemas, respectivamente. A união do conceito com o som é o que, de fato, materializa o signo.

Considerando a relação da Semântica sob o ponto de vista estrutural, apoiada nos estudos de origem saussureana, Mussalin e Bentes (2004, p. 18), defendem que o estruturalismo de vertente saussureana “definia o significado como uma unidade de diferença, isto é, o significado se dá numa estrutura de diferenças com relação a outros significados”. Assim sendo, “o significado de uma palavra se define por não ser um outro significado: mesa se define por não ser cadeira, sofá, abajur”.

Nesse sentido, “[...] o significado não tem nada a ver com o mundo, mesa não é o nome de um objeto no mundo, é a estrutura de diferença com cadeira, sofá, abajur” e, portanto, “essa postura pode implicar uma posição relativista, já que cada língua, cada sistema de diferenças, institui sua própria racionalidade”.

Os estudos da corrente estruturalista, de origem saussureana, limitam o objeto principal da Semântica ao léxico, funcionando como uma rede de relações de sentidos auto-regulados, conforme relata Tamba-Mecz (2006, p. 34):

Para concluir nossa exposição sobre a corrente estruturalista, notemos que ela teve um duplo efeito: por um lado, contribuir para limitar o objeto da Semântica ao léxico, concebido como uma rede de relações de sentidos auto-regulada; por outro, evidenciar a dificuldade de encerrar em si mesmas as estruturas lexicais, articuladas a conhecimentos extralinguísticos.

Procedendo o modelo de Semântica estruturalista surge em 1963 o modelo de Semântica formal, tendo como precursores dessa corrente teórica: Chomsky, idealizador da Gramática Gerativa; e Montague, criador da Gramática Universal.

A Semântica formal tem o principal objetivo de estudar as propriedades fundamentais externas à língua, pois para essa corrente teórica as línguas naturais são utilizadas para falar de objetos, indivíduos, enfim, de fatos em geral pertencentes a vida real.

Em outras palavras, a Semântica formal preocupa-se em analisar o significado como sendo o fruto da linguagem e aquilo sobre o qual a linguagem fala, sempre estabelecendo uma condição de verdade. Para a Semântica formal, o significado de uma sentença está na situação analisada e que a descrição da situação analisada corresponde à condição de verdade. Lyons (1987, p. 163) afirma que “embora o termo Semântica formal pudesse ser usado, de um modo bastante geral, para se referir a todo um conjunto de diferentes abordagens do estudo do significado [...]”, ele também é “[...]comumente empregado hoje em dia com referência particular a determinada versão da Semântica da condição de verdade [...]” o que na verdade “[...] se originou na investigação de linguagens formais especialmente construídas pelos lógicos, e recentemente tem sido aplicada à investigação das línguas naturais”.

Nesse sentido, podemos considerar que a Semântica formal, funciona “[...] como complemento da pragmática – definida de várias maneiras, como o estudo de enunciados reais; o estudo do uso ao invés do significado; o estudo daquela porção do significado que não se caracteriza exclusivamente em termos de condição de verdade; o estudo do desempenho e não da competência; etc”.

Ainda sobre a relação entre a semântica formal e a condição de verdade, Lyons (1987, p. 165) acrescenta:

O que a semântica formal faz é definir o significado de lexemas em termos da contribuição que eles fazem às condições de verdade das sentenças, e fornecer um procedimento formulado com precisão para a computação das condições de verdade de qualquer sentença arbitrária, com base no significado dos seus lexemas constituintes e da sua estrutura gramatical.

Nessa perspectiva, conhecer o significado de uma sentença, tendo em vista que as línguas naturais são utilizadas para falar de fatos em geral pertencentes à vida real, significa conhecer, sobretudo, as condições de verdade, pois conforme Lyons (1987, p. 165), “pode-se aceitar também que, se uma sentença tem condições de verdade, saber o significado da sentença é saber que estado do mundo ela pretende descrever (supondo-se que está sendo usada para fazer uma afirmação)”. Ainda para o autor “[...] todas as sentenças têm condições de verdade e que a totalidade de seu significado depende daquelas”.

Após o período Gerativo-Transformacional, surge em meados dos anos 70, o pós-estruturalismo, ancorado nas teorias de Oswald Ducrot, surgindo, então, os primeiros estudos teóricos de natureza Semântica enunciativa ou Semântica argumentativa. A referida teoria, baseia-se fundamentalmente, no ato da enunciação e não do enunciado. De acordo com Lopes (1972, p. 284), “Oswald Ducrot parte do ato da *enunciação e não do enunciado*”. A teoria de Ducrot pressupõe que, “o enunciado não constitui um fato; os únicos dados de que o semanticista dispõe são as múltiplas ocorrências possíveis de um enunciado nas diversas situações em que o empregamos”. Nessa perspectiva, “[...] o sentido é algo que revela do enunciado [...]”.

Ainda sobre o sentido de um enunciado, conforme a teoria de Ducrot, Lopes (1972, p. 284), comenta:

Por isso, falar sobre o sentido de um enunciado fora das circunstâncias possíveis da sua ocorrência, isto é, fora do contexto e da situação, noções às quais Ducrot se refere englobadamente através do termo *contexto* - equivale a abandonar o terreno da experiência e da comprovação, para construir uma hipótese que será sempre carente de demonstração.

Ducrot, por sua vez, critica fortemente o modelo de Semântica formal - a antecessora da Semântica da enunciação ou Semântica argumentativa – por se ancorar num conceito de verdade que é externo à língua, conforme explicam Mussalin e Bentes (2004, p. 27):

A visão da linguagem que, segundo Ducrot, subsidia a Semântica Formal é inadequada porque, argumenta o autor, ela se respalda num modelo informacional, em que o conceito de verdade é externo à linguagem. Na Semântica Formal, a linguagem é um meio para alcançarmos uma verdade que está fora da linguagem, o que nos permite falar objetivamente sobre o mundo e, conseqüentemente, adquirir um conhecimento seguro sobre ele.

De acordo com Mussalin e Bentes (2004, p. 28), Ducrot considera que a linguagem é um exercício social de cunho argumentativo e, portanto, é daí que surgem as primeiras noções que vão subsidiar teoricamente a importância da Semântica da enunciação ou Semântica argumentativa. Nesse sentido, para Ducrot, a linguagem “[...] é um jogo de argumentação enredado em si mesmo [...]”; ou seja, “[...] não falamos sobre o mundo, falamos para construir um mundo e, a partir dele, tentar convencer nosso interlocutor da nossa verdade, verdade criada pelas e nas nossas interlocuções [...]”. Sendo assim, a verdade deixa “[...] de ser um atributo do mundo e passa a ser relativa à comunidade que se forma na argumentação [...]”. Ainda conforme as autoras, “a linguagem é uma dialogia, ou melhor, uma argumentologia; não falamos para trocar informações sobre o mundo, mas para convencer o outro a entrar no nosso jogo discursivo, para convencê-lo de nossa verdade”.

Portanto, para a Semântica da enunciação, a linguagem constitui o mundo e, para tanto, é impossível sair dela e que os enunciados ocorrem dentro do contexto e não extra contexto. Nessa perspectiva, Lopes (1972, p. 285) complementa:

Ducrot afirma que não existe na realidade nenhum enunciado que ocorra extra contexto. Um enunciado pode apresentar um contexto de dimensões extremamente reduzidas, mas ele possuirá, sempre, um contexto – aquele da situação que põe em contacto dois interlocutores – É desses fundamentos que partem os estudos de Ducrot.

Outro modelo de ciência da significação que sucede o período das Semânticas: estruturalista, gerativista, enunciativa e formal é a Semântica cognitiva. Essa teoria surgiu no final da década de 70 com o propósito de apresentar um modelo mais amplo de investigação da linguagem, opondo-se às teorias estruturalistas e gerativistas. Esta corrente tem à frente os estudos de George Lakoff e Mark Johnson.

De acordo com Mussalin e Bentes (2004, p. 33), “a Semântica cognitiva tem como um de seus marcos inaugurais a publicação, em 1980, de *Metaphores we live by*, de George Lakoff e Mark Johnson [...]”. Embora seja uma teoria mais recente, “[...] esse modelo semântico conta hoje com a participação de diversos pesquisadores, trabalhando nos diferentes níveis de análise da linguagem, da Fonologia à Pragmática [...]”.

Nessa perspectiva, essa teoria parte “[...] da hipótese de que o significado é que é central na investigação sobre a linguagem, chocando-se, portanto, com a abordagem gerativista, que defende a centralidade da sintaxe [...]”. Nesse contexto, “[...] a forma deriva da significação, porque é a partir da construção de significados que aprendemos, inclusive a lógica e a linguagem. Daí a Semântica cognitiva se inscrever no quadro do funcionalismo”.

Ainda sobre os campos de investigação da Semântica cognitiva, Mussalin e Bentes (2004, p. 33): relatam:

A Semântica cognitiva se opõe, pois, ao que Lakoff denomina Semântica objetivista, aquela que, segundo o autor, prega que o significado se baseia na referência e na verdade, que entende verdade como correspondência com o mundo e que acredita na existência de apenas uma maneira objetivamente correta de associar símbolos ao mundo.

De acordo com Mussalin e Bentes (2004, p. 33), O modelo de Semântica cognitiva quer “[...] combater a idéia, de fato presente em algumas abordagens formais, de que a linguagem está numa relação de correspondência direta com o mundo [...]”. Assim sendo, “[...] o significado que se afirma na Semântica cognitiva não tem nada a ver com a relação de pareamento entre a linguagem e mundo [...]”. pelo contrário, pois “[...] ele emerge de dentro para fora, e por isto ele é motivado [...]”. Nesse sentido. “[...] a significação linguística emerge de nossas significações corpóreas, dos movimentos de nossos corpos em interação com o meio que nos circunda”.

A teoria de Lakoff defende que a semântica cognitiva parte da idéia central de que o significado é constituído naturalmente de forma experiencial a partir de nossas ações no mundo, pois são essas ações que dão significados às nossas experiências, conforme enfatizam Mussalin e Bentes (2004, p. 33):

Lakoff define sua abordagem como realismo experiencialista e afasta sua proposta do relativismo. A hipótese central de que o significado é natural e experiencial se sustenta na constatação de que ele se constrói a partir de nossas interações físicas, corpóreas, com o meio ambiente em que vivemos. O significado, enquanto corpóreo, não é nem exclusiva, nem prioritariamente linguístico.

As autoras concluem com essa afirmação que no modelo de semântica cognitiva a idéia de verdade como suporte ao significado é descartada, pois para este campo de investigação o significado está no corpo que vive, que se movimenta, que estabelece relações com o meio em que vive e não na correspondência entre as palavras.

Assim sendo, por se tratar de uma ciência das significações - que visa exclusivamente estudar o significado das palavras e da linguagem - a Semântica - pode ser facilmente confundida com a Semiologia e com a Semiótica.

Para tanto, é necessário estabelecer uma diferenciação entre a Semântica, Semiologia e Semiótica, tendo em vista que as três categorias de estudo são distintas, como relata Mounin (1968, p. 128):

Definiu-se tradicionalmente a Semântica como a ciência ou teoria das significações. Seria sempre prudente acrescentar: apenas das significações linguísticas - pelo menos enquanto se não dispuser de uma Semântica geral. Além disso, será conveniente não a confundir, o que é frequente, com a Semiologia que é, recorde-se, o estudo de todos os processos ou sistemas de comunicação. Como as línguas anglo-saxônicas traduziram imediatamente este último termo por *Semiotics*, em francês retraduziu-se pelo substantivo *Semiotique* (em português, Semiótica) que muitas vezes designa apenas um sistema particular: o código marítimo de bandeiras será então uma Semiótica.

Da mesma forma que é necessário haver uma distinção entre a Semântica, Semiologia e Semiótica por se tratarem de ciências relativamente próximas também é imprescindível que haja uma diferenciação entre a Semântica, a Semasiologia, a Onomasiologia, a Lexicografia e Lexicologia, pois também são campos de estudos relativamente próximos, como relata Mounin (1968, p. 128-129):

A semiologia, que originalmente descreveu aquilo a que hoje damos o nome de semântica, tende a designar apenas o estudo das significações, ou significados, ou conceitos, tomando como ponto de partida as palavras. Ao passo que, pelo contrário, a onomasiologia visa descrever o estudo das denominações dos significantes a partir dos conceitos. Será também conveniente não confundir a semântica com a lexicografia: esta ocupa-se unicamente da descrição da significação das palavras, tal como é tradicionalmente registrada nos dicionários. A lexicologia, por sua vez, é a ciência que procura fixar os princípios e métodos da lexicografia.

Nesse contexto, “significados” e “formas” estão diretamente ligados um ao outro e que chega a ser quase impossível diferenciá-los e que os significantes justificam todo o nosso conhecimento adquirido pela prática da significação através da materialidade fônica ou gráfica. Conforme Tamba-Mecz (2006, p. 50-51), “[...] os significantes mediatizam toda a nossa experiência da significação, por força de sua materialidade fônica ou gráfica, concebe-se espontaneamente o sentido à sua imagem [...]”, haja vista que “[...] da especificidade dos sistemas de formas significantes que cada língua apresenta, chega-se à especificidade dos significados que parecem lhes ser inerentes [...]”. A partir daí, “[...] a delimitação da Semântica a um conjunto definido de significações recebe uma justificativa empírica: as formas significantes de cada sistema linguístico circunscrevem claramente tal conjunto, por oposição a outras ordens de significantes (gestuais, iconográficos, etc.)”.

Em outras palavras, a Semântica, em seu sentido mais amplo, nada mais é do que a ciência das significações, ou seja - o estudo do significado da linguagem - o que a torna uma importante ferramenta para os estudos de natureza linguística. Com relação ao conceito de Semântica, Marques (1996, p. 15), conclui:

[...] Semântica é o estudo do significado em linguagem, Semântica é a disciplina linguística que estuda o sentido dos elementos formais da língua, aí incluídos morfemas, vocábulos, locuções e sentenças (= estruturas sintaticamente completas ou linguisticamente gramaticais), ou, ainda, Semântica é o estudo da significação das formas linguísticas. Parece, então, muito simples chegar à conclusão de que a Semântica tem por objeto o estudo do significado (sentido, significação) das formas linguísticas: morfemas, vocábulos, locuções, sentenças, conjunto de sentenças, textos, etc., suas categorias e funções na linguagem.

No subítim a seguir falaremos sobre a Sociolinguística - a quarta fundamentação teórica deste trabalho - como o estudo da linguagem em relação ao contexto social de uma determinada comunidade de falantes.

2.4 SOCIOLINGUÍSTICA

Esta pesquisa tem como um dos seus objetivos principais traçar a diversidade linguística de uma determinada comunidade de falantes, em especial - a linguagem dos pescadores que atuam no Canto do Mangue, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte.

E, portanto, além dos apontamentos teóricos da Lexicologia, Lexicografia e da Semântica, também se faz necessário, para o êxito deste estudo, a teoria da Sociolinguística por se tratar de uma ciência que também estuda as variações linguísticas de uma determinada comunidade de falantes (tanto no aspecto social como no cultural).

De acordo com Coseriu (1987, p.28) “a Sociolinguística é o estudo da linguagem em relação com o contexto social (ou com a estrutura social das comunidades falantes)”. Ainda conforme esse autor (1987, p. 29) “do ponto de vista linguístico é oportuno limitar a Sociolinguística (como disciplina linguística não sociológica) ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a estrutura social das comunidades”.

Ainda sobre a definição e as principais tarefas da sociolinguística, Coseriu (1987, p. 29), acrescenta:

O plano do falar em geral é também o plano no qual se estabelecem os fundamentos racionais da Sociolinguística [...]. O objeto da Sociolinguística como disciplina descritiva no plano universal é o grau de conhecimento e utilização das normas gerais do falar em relação com a estrutura sócio-cultural das comunidades. Mas, como o que se fala é sempre uma língua, a correlação só pode estabelecer-se para o mesmo conhecimento da língua considerada.

A Sociolinguística só ganhou destaque a partir dos estudos de Willian Labov, mais precisamente, na década de 60, inspirada no modo investigativo e sociológico de registrar, descrever e analisar sistematicamente a variedade linguística nas suas diversas aceções.

Assim sendo, para a Sociolinguística, a língua é um objeto de interação social que surge e se transforma de acordo com o contexto socio-histórico de uma determinada comunidade de falantes. Nesse sentido, a Sociolinguística estuda a variedade linguística baseado em três grandes pontos de vista, assim distribuídos: diatópicos, diastráticos e diafásicos, conforme relata Coseriu (1987, p. 29):

No plano histórico a variedade das línguas apresenta três grandes tipos de diferenças e, no sentido contrário à diferenciação, três tipos de unidades: diferenças no espaço geográfico ou *diatópicas*, diferenças entre as camadas sócio-culturais ou *diastráticas* e diferenças de modalidade expressiva segundo as circunstâncias permanentes ou ocasionadas do falar, ou diferenças *diafásicas*; e unidades sintópicas (ou “dialetos”), unidades sinstráticas (ou “níveis de língua”) e unidades sinfásicas (ou “estilos de língua”).

A Sociolinguística também atua no sentido diacrônico da linguagem e no plano dos discursos, como afirma Coseriu (1987, p. 30):

[...] É objeto da Sociolinguística o estudo do grau de conhecimento e utilização da língua comum nas diferentes camadas socio-culturais. No sentido diacrônico é objeto da sociolinguística da língua o estudo da variação na configuração diastrática e, em geral, da mudança linguística nas suas determinações sociais. No plano dos discursos são tarefas da Sociolinguística: a) o estudo dos tipos de discursos e das diferenças estruturais entre os mesmos nas camadas sócio-culturais; b) o estudo da utilização das diferenças diastráticas em qualquer tipo de discurso.

Tendo em vista que a Sociolinguística é uma disciplina linguística e não sociológica e que estuda a variação da linguagem em relação ao contexto social de uma determinada comunidade de falantes, faz-se necessário estabelecer uma definição exata entre linguística sociológica e sociologia da linguagem. Coseriu (1987, p. 35) estabelece que “se o objeto de estudo é a linguagem, se o que se estuda é a linguagem mesma, as diferenças linguísticas em relação à estratificação social, o que se faz é sociolinguística propriamente dita [...]” ou “[...] linguística sociológica, para a qual a sociologia é somente disciplina auxiliar [...]”. Mas se ao contrário. “[...] o objeto de estudo é o contexto social, as relações sociais como tais, se comprova quem fala um tipo de linguagem x (que não se estuda como tal), se faz sociologia da linguagem, disciplina para a qual a linguística é somente auxiliar, enquanto identifica os tipos de linguagem a considerar”.

Ainda sobre as relações entre a estrutura Linguística e a estrutura social que permitem a realização de um estudo sociolinguístico, Elia (1987, p. 21) relata:

Por seu turno, a Sociolinguística buscaria surpreender as relações entre estrutura linguística e estrutura social; ou melhor, as relações entre fator social e organização linguística, mas dentro de um ponto de vista interno. Isto é, não se trata de “contato de línguas” mas de diferenciação linguística dentro de uma só língua atribuível a causalidade social (níveis culturais da mesma língua, línguas especiais, gírias).

Citando Sumpf (1968), reitera Preti (1977, p. 6):

[...] a Sociolinguística surge, numa primeira abordagem, como uma via “outra”, “contra”, “a mais”, “para melhor” que a via já bem trilhada da Linguística Descritiva”, retomando necessariamente uma série de oposições, tais como as de língua/fala, uniformidade/diversidade, simplicidade/complexidade, função/uso, fala/ato de fala, código/fala, função/estrutura, contexto/mensagem, linguagem/situação, linguagem/homem ou Antropologia.

Nesse contexto, a Sociolinguística se insere na comunidade acadêmica como uma disciplina que se inspira nos métodos sociológicos de pesquisa através de registros, observações, descrições e análises para estudar a variação linguística de uma determinada comunidade de falantes.

A prática da pesquisa sociolinguística vem ganhando crescente interesse científico pelas comunidades acadêmicas do mundo contemporâneo. Para Fonsêca e Neves (1974, p.10-11): “o súbito e extraordinário florescimento da Sociolinguística em nossos dias tem algumas causas evidentes [...]”.

A principal causa é a “[...] preocupação com as minorias étnicas, particularmente em países de ampla imigração estrangeira, como os Estados Unidos, Brasil, Argentina, Chile, etc [...]”. Uma outra razão se deve “[...] a preocupação de integrar as minorias linguísticas, rompendo barreiras de ambos os lados, desenvolveu pesquisas de grande alcance teórico e metodológico, realizadas de forma sistemática nos Estados Unidos, Canadá e outros países [...]”.

Ainda segundo as autoras, tais situações fizeram desenvolver uma nova atividade: “[...] o planejamento linguístico, em pleno desenvolvimento nas jovens nações africanas, Índia, Filipinas, etc [...]”. Mas é, sobretudo, “[...] no campo educacional, na tarefa de fazer ascender socialmente as classes menos favorecidas, que a Sociolinguística tem encontrado estímulo financeiro e acadêmico”.

Ainda sobre a expansão dos estudos sociolinguísticos nos dias atuais, Fonsêca e Neves (1974, p. 11): concluem:

Temas sociolinguísticos aparecem nas melhores revistas teóricas e são parte de mesas redondas e comunicações em seminários e congressos. Também na Europa a sociolinguística é prestigiada, como atestam inúmeros trabalhos sobre bilinguismo e números especiais de revistas. No Brasil, a *Revista de Cultura Vozes* (out/73) lançou um número especial com estudos sociolinguísticos do português.

No subítim a seguir abordaremos a Etnolinguística - a quinta fundamentação teórica desta pesquisa - como o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes.

2.5 ETNOLINGUÍSTICA

O presente estudo também terá como aporte teórico as contribuições da Etnolinguística, tendo em vista que essa pesquisa também estuda a relação descritiva entre a linguagem e a cultura dos pescadores do Canto Mangue, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte.

De acordo com Coseriu (1987, p. 28), a Etnolinguística “é o estudo da linguagem em relação com a civilização e cultura das comunidades falantes” e, para tanto, é preciso ficar claro que a cultura, ora estudada, deu-se não no sentido de erudição, mas sim em uma cultura baseada, sobretudo, nos costumes e nas tradições que permeiam entre os profissionais da pesca investigados.

Nesse sentido, conforme Coseriu (1987, p. 29), do ponto de vista linguístico, é importante limitar a Etnolinguística “como disciplina linguística, não etnológica ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a civilização e cultura”.

Ainda de acordo com esse autor (1987, p. 30) a Etnolinguística descritiva atua no campo das ciências da linguagem nos planos histórico e dos discursos. “no plano

histórico, a etnolinguística é estudo da civilização e da cultura refletidas nas línguas [...]", ou seja, "[...] fundamentalmente da organização da cultura material e intelectual (concepções ideológicas) manifestada no léxico (incluindo também o "saber" relativo às relações sociais e à linguagem como parte da realidade cultural organizada nas línguas mesmas) [...]". Já no sentido diacrônico, é objeto da Etnolinguística "[...] o estudo da mudança linguística em relação com as mudanças na civilização e na cultura [...]" e, no plano dos discursos é objeto da Etnolinguística "[...] o estudo dos tipos e da estrutura peculiar dos discursos tradicionais específicos duma cultura [...]". Vale ressaltar ainda que "[...] neste plano, a Etnolinguística aproxima-se da Sociolinguística e pode até coincidir com ela: só o ponto de vista é diferente".

Do ponto de vista conceitual a Etnolinguística, observada pelo ponto de vista linguístico, é conceituada como uma disciplina meramente linguística, não etnológica ou etnográfica ao estudo da variedade e variação da linguagem em relação com a cultura.

Nesse contexto, faz-se necessário definirmos com precisão os conceitos de Etnolinguística, Etnografia linguística e Etnografia da linguagem. Conforme Coseriu (1987, p. 36), essa distinção se dá: partindo da "correlação *linguagem – cultura*: se o objeto de estudo é a linguagem, se trata dos fatos linguísticos enquanto determinados pelos saberes acerca das coisas, faz-se Etnolinguística propriamente dita ou Linguística etnográfica [...]", mas se o objeto de estudo é a cultura, "[...] se trata dos saberes acerca das coisas enquanto manifestados pela linguagem (e da linguagem mesma como uma forma de cultura entre outras e conjuntamente com outras) faz-se Etnografia linguística (e, em sentido mais limitado, tratando-se só da linguagem como manifestação cultural, Etnografia da linguagem)".

Ainda conforme a perspectiva de que os estudos etnolinguísticos tratam da relação: linguagem e cultura e que a referida relação ocupa-se dos fatos linguísticos e culturais, não no nível culto da gramática, mas nas tradições e nos costumes de uma determinada comunidade de falantes, é oportuno não perder de vista as idéias defendidas por Coseriu (1987, p. 41), quando diz que:

Não se fala somente com a linguagem como tal, com a “competência linguística”, mas também com a “competência extralinguística”, com o “conhecimento do mundo”, ou seja, com os saberes, idéias e crenças acerca das “coisas”, e o “conhecimento do mundo” influi sobre a expressão linguística e a determina em alguma medida. São esses dois últimos sentidos que proporcionam a justificação racional da etnolinguística, pois o primeiro (se apenas se considera a linguagem em si, e não a linguagem como uma forma da cultura entre outras e em relação com outras) justifica simplesmente a linguística como tal.

Ainda conforme Coseriu (1987, p. 45-46), a Etnolinguística da língua, “[...] corresponde, precisamente, o estudo dos fatos de uma língua enquanto motivados pelos saberes (idéias, crenças, concepções, ideologias) acerca das coisas [...]”, bem como, “[...] acerca da estratificação social das comunidades e acerca da linguagem mesma enquanto fato real [...]”. Assim sendo, algumas indagações vêm à tona e que precisam de respostas, como por exemplo, “[...] de que modo uma determinada organização léxica corresponde a um tipo determinado de experiência e conhecimento intuitivo do real? [...]”. Em geral, “[...] no caso da linguagem: que palavras tem uma língua para nomear fatos de linguagem e qual é a organização léxica de tais palavras? [...]” e no plano da estratificação social: “[...] que palavras tem uma língua para nomear condições sociais e em que relações semânticas se encontram essas palavras umas com as outras? [...]”. Por fim, “[...] em que domínios da experiência há concentração (ou, ao contrário, escassez) de distinções semânticas?”.

Conforme exposto, a Etnolinguística ocupa-se de estudar as relações entre língua e cultura, sendo esta última, de acordo com Elia (1987, p. 41) “a forma interior das civilizações e, por via de consequência, das sociedades que nela se integram”.

Ainda para esse autor, a Etnolinguística busca “determinar a maneira específica pela qual vieram os idiomas a compreender a realidade, recortando-a segundo linhas decorrentes da fusão, (visão original + experiência de mundo)”.

No subitem a seguir falaremos sobre a Dialetologia - a sexta fundamentação teórica desta pesquisa – que tem como principal objeto de estudo os dialetos e as variações contidas em um determinado espaço geográfico.

2.6 DIALETOLOGIA

A Dialetoлогия é uma disciplina que tem como principal objeto de estudo os dialetos e as variações contidas em um determinado espaço geográfico. Seu campo de estudo se insere, sobretudo, nos falares regionais com suas delimitações geográficas. De acordo com Dubois (1978, p. 185) a Dialetoлогия “assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe os limites”. Nessa perspectiva “emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família”.

Nesse contexto, ainda conforme o autor (1978, p. 178), a Dialetoлогия se encaixa em dois princípios iniciais: 1) “a descrição dos diferentes sistemas ou dialetos em que se diversifica uma língua”; 2) “o estabelecimento dos limites de um espaço geográfico de uma fala que pode ser tomada isoladamente sem se preocupar com os falares vizinhos ou com os que pertençam a mesma família linguística”.

Conforme Mattoso (1879, p. 94-95), a Dialetoлогия é o “estudo do arrolamento, sistematização e interpretação dos traços linguísticos dos dialetos”. Para esse autor a Dialetoлогия é desenvolvida através de duas técnicas distintas: *a geografia linguística*: que objetiva a distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal apresentado nos Atlas Linguísticos; *a descrição dos falares por meio de monografias dedicadas a uma dada região*: gramáticas e glossários regionais.

Nessa perspectiva, Borba (1976, p. 31), acrescenta que a Dialetoлогия é o “estudo dos sistemas linguísticos em suas variações geográficas ou sociais”. Sendo assim, podemos afirmar que a Dialetoлогия estuda os dialetos e as variações linguísticas observadas em um determinado espaço geográfico.

A Dialetoлогия e a Geografia Linguística estão intimamente ligadas e chega a ser quase impossível separar uma da outra, pois segundo Dubois (1978, p. 304), a Geografia Linguística é “a parte da Dialetoлогия que se ocupa em localizar as variações das línguas em relação às outras”.

Nesse sentido, conforme Mattoso (1879, p. 94), “a Geografia Linguística consiste em levantar mapas da distribuição geográfica de cada traço linguístico dialetal” e, portanto, a Dialetoлогия e a Geografia Linguística são disciplinas que se complementam em suas técnicas e em seus objetivos. A única diferença entre as duas disciplinas está na forma de apresentar o estudo dos dialetos. A Geografia Linguística

apresenta os dados (levantamento cartográfico das características dialetais) em Atlas Linguísticos e a Dialectologia apresenta os dados (variações da língua: fonética, sintática, fonológica e lexical) através da elaboração de glossários.

De acordo com Cardoso (1999, p. 234), o primeiro registro de natureza dialetal sobre o português no Brasil foi elaborado por “Domingos Borges de Barros e Visconde de Pedra Branca, que escreveram, em 1926, quando ministro plenipotenciário do Brasil na França e a pedido do geógrafo vêneto Adrien Balbi, um informe sobre *lês differences que le dialecte brésilien pourrait présenter, compare à La langue Du Portugal*”. Conforme a autora, esse registro está publicado entre “as páginas 172 – 175 da *Introduction à l’Atlas ethnographique Du globe*” e “trata-se de uma lista de palavras que apresenta um rol de oito nomes que mudam de significação e outro de cinquenta nomes usados exclusivamente no Brasil”.

Para Cardoso (1999, p. 234), “a partir de então, costuma-se considerar iniciada a história dos estudos dialetais no Brasil para a qual atribui três diferentes etapas [...]”. “[...] A formulação tripartida tem como base identificar e demarcar as três diferentes tendências dominantes em cada uma das épocas identificadas”.

A primeira fase aconteceu entre 1826 e 1920 e de acordo com Cardoso (1999, p. 234), “os trabalhos produzidos direcionam-se para o estudo do léxico e de suas especificidades no português no Brasil” e, portanto, são “dicionários, vocabulários e léxicos regionais”. Dentre os quais:

- Dicionário da Língua Brasileira, de Luiz Maria Silva Pinto (1832);
- Vocabulário brasileiro para servir de complemento aos dicionários da língua portuguesa, de Brás da Costa Rubim (1853);
- Glossário de vocábulos brasileiros, tanto dos derivados como daqueles cuja origem é ignorada, de Visconde de Beaurepaire – Rohan (1883);
- Dicionário de vocábulos brasileiros, de Visconde de Beaurepaire – Rohan (1889);
- A linguagem popular amazônica, de Macedo Soares (1884);
- O tupi na geografia nacional, de Theodoro Sampaio (1901);
- Glossário paraense, de Vicente Chermont de Miranda (1905);
- Apostilas ao dicionário de vocábulos brasileiros, de P. Carlos Teschauer (1912);
- Dicionário de brasileirismos, de Rodolfo Garcia (1912).

Ainda conforme Cardoso (1999, p. 234-235), integrando a essa primeira fase dos estudos dialetais no Brasil encontra-se “um primeiro estudo de natureza mais ampla e de cunho gramatical, *O idioma hodierno de Portugal comparado com o do Brasil*, escrito pelo brasileiro José Jorge Paranhos da Silva (1879)”. A referida obra “trata dos diferentes aspectos da variação do português do Brasil *versus* o português de Portugal [...]”.

A segunda fase dos estudos dialetais no Brasil se deu entre os anos de 1922 e 1952. O trabalho que marcou o início dessa fase foi o *Dialeto Caipira*, de Amador Amaral. Conforme Cardoso (1999, p. 235), *O dialeto Caipira* “nasceu da preocupação de Amaral com o processo de dialeção do português brasileiro, sobre o qual e até aquela época pouco se sabia ou se tinha escrito”.

Para Cardoso (1999, p. 235), a segunda fase também foi marcada “pelos primeiros passos para o desenvolvimento da Geolinguística no Brasil”, bem como pela “produção de trabalhos voltados para a observação de uma área determinada, buscando descrever os fenômenos que a caracterizam não só do ponto de vista semântico-lexical, mas também fonético-fonológico e morfossintático”.

Ainda conforme Cardoso (1999, p. 235), na segunda fase dos estudos dialetais existe uma “preocupação com uma metodologia de abordagem dos fenômenos orientada para o exame da realidade, observada *in loco* e considerada nos seus diferentes aspectos”. Nessa perspectiva, são “produzidos estudos de caráter monográfico [...]”.

Ainda em 1922, é publicado por Antenor Nascentes *O linguajar carioca em 1922* (primeira edição) e logo após foi intitulado *O linguajar carioca* (segunda edição). De acordo com Cardoso (1999, p. 235-236), Antenor Nascentes “preocupa-se, inicialmente, em definir o que entende por *falar brasileiro* e procura situar o linguajar carioca no conjunto desses falares”. Nesse sentido, o autor “imbuído da importância do conhecimento dos casos de patologia linguística, muito à moda, além-mar, naquela época mostra a relevância do conhecimento dos dialetos”. A referida obra, “além da contribuição específica que traz para o conhecimento do dialeto carioca ao estudar aspectos da fonética, morfologia, sintaxe e léxico, destaca-se pela proposta, primeira, de divisão dialetal do Brasil”.

Em 1934, Mário Marroquim, publica *A língua do Nordeste*, tendo como área de estudo os Estados de Alagoas e Pernambuco.

Conforme Cardoso (1999, p. 237) “as três obras em destaque, reúnem-se a outras que caracterizam essa segunda fase, as quais distribuem, segundo o enfoque que as domina, em quatro grupos diferenciados”: os léxicos e os glossários regionais, as obras de caráter geral, as obras de caráter regional e os estudos específicos sobre a contribuição africana.

No primeiro grupo: os léxicos e os glossários regionais estão inseridas as obras: *Vocabulário gaúcho*, de Roque Callage (1926); *Dicionário dos animais do Brasil*, de Rodolfo Von Ilhering (1931); *Vocabulário do Nordeste do Rio Grande do Sul – Linguagem dos praieiros*, de Dante de Laytano (1933); *O vocabulário pernambucano*, de Pereira da Costa (1937) e *Vocabulário amazonense*, de Alfredo Maia (1939).

No segundo grupo, estão as obras de caráter geral que, de acordo com Cardoso (1999, p. 237), “analisam as questões numa perspectiva mais ampla e globalizante”: *O ritmo da língua nacional*, de Álvaro Maia (1926); *O português do Brasil*, de Renato Mendonça (1937); *O problema da língua portuguesa*, de Silvio Elia (1940) e *A Língua no Brasil*, de Gladstone Chaves de Melo (1946).

O terceiro grupo integra as obras de caráter regional que, conforme Cardoso (1999, p.237), aborda “particularmente aspectos de uma área geográfica e fenômenos específicos de uma dada região”. São elas: *A linguagem dos cantadores*, de Clóvis Monteiro (1933); *A linguagem de Goiás*, de José Aparecido Teixeira (1944) e *A linguagem popular na Bahia*, de Edison Carneiro (1951).

O quarto grupo se insere nas obras que estudam a contribuição africana para o português brasileiro: *O elemento afro-negro na língua portuguesa*, de Jacques Raimundo (1933); *A influência africana no português do Brasil*, de Renato Mendonça (1933) e *Os africanismos no dialeto gaúcho*, de Dante de Laytano (1936).

Ainda conforme Cardoso (1999, p. 237) , a terceira fase dos estudos dialetais no Brasil também foi marcada pelo trabalho de Serafim da Silva Neto que se fez presente nessa época “com uma produção da qual se destacam a *Diferenciação e unificação do português do Brasil* e *Capítulos da história da língua portuguesa falada no Brasil*, publicados em 1946 e, posteriormente, em 1950, reunidos na *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*”.

Conforme Cardoso (1999, p. 237), a terceira e última fase dos estudos dialetais em território brasileiro tem como marco:

O Decreto 30.643, de 20 de março de 1952, que, ao definir as finalidades da Comissão de Filologia da Casa de Rui Barbosa, que vinha de ser criada, assentava como a principal delas a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil. Essa prioridade é retomada pela Portaria 536, de 26 de maio do mesmo ano, que, ao baixar instruções referentes à regulamentação do Decreto, põe ênfase na elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Na terceira fase os estudos dialetais do Brasil ganharam uma nova abordagem em relação aos fenômenos da variação linguística no País e, segundo Cardoso (1999, p. 237–238), isso se deu “graças ao trabalho de figuras pioneiras, das quais destaco Antenor Nascentes, Serafim da Silva Neto, Celso Cunha e Nelson Rossi que se empenharam na implantação de um novo momento para a Dialectologia brasileira: o início dos estudos de geografia linguística”.

Para tanto, conforme Cardoso (1999, p. 237):

Antenor Nascentes publica as *Bases para a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil*, obra em dois volumes saídos o primeiro em 1952 e o segundo em 1961, na qual estabelece, como o próprio nome sugere, passos fundamentais para o início do trabalho nesse campo. Discute, na pequena introdução, as vantagens de um atlas feito ao mesmo tempo para todo o País, mas reconhece a impossibilidade de sua concretização nesses termos entre nós, argumentando com a vastidão do nosso território e a dificuldade de acesso aos diferentes pontos.

Ainda conforme Cardoso (1999, p. 237), Serafim da Silva Neto “pugnou, a cada momento, pela necessidade e pela urgência de se estudarem os falares brasileiros” e para tanto, “sugeriu que as Faculdades de Filosofia realizassem a cada ano um curso de Dialectologia Brasileira e procurou definir com muita clareza as tarefas que considerava urgentes para a concretização dos estudos dialetais No Brasil”. Em *o Guia para os estudos dialectológicos*, Serafim da Silva Neto, estabelece as seguintes tarefas emergenciais:

- Sondagens preliminares, criação de ambiente, difusão do método;
- Recolha de vocabulários com todas as exigências técnicas;
- Monografias etnográfico-linguísticas sobre determinadas “esferas semânticas”;
- Monografias etnográfico-linguísticas sobre falares regionais;
- Inquérito nacional feito com questionário uniforme e distribuição geográfica dos materiais recolhidos, em mapas (Atlas Nacional);

Cardoso (1999, p. 238) assinala que “o primeiro passo concreto, no campo da Geolinguística, vem a ser dado por Nelson Rossi que publica, em 1963, o *Atlas Prévio dos Falares Baianos*” e, portanto, tornou-se o “pioneiro na aplicação da geografia linguística no Brasil” colocando-se “entre os que, com maior rigor científico e precisão metodológica, se empenharam na implantação dos estudos dialetais”.

Assim sendo, convém assinalarmos que os estudos de natureza dialetal percorre o nosso País desde o ano de 1826 até os dias atuais e, conforme Cardoso (1999, p. 239), têm “como marca identificadora o início dos estudos sistemáticos no campo da Geografia Linguística”. Ainda de acordo com essa autora, a Dialectologia vem ganhando forças gradativamente, tendo em vista que “[...] o levantamento de teses de doutorado e de dissertações de mestrado produzidas no período de 50 anos – 1939 a 1989 – aponta um número considerável de trabalhos no campo da Dialectologia”.

No subítêm a seguir falaremos sobre Glossário - a sétima e última fundamentação teórica desta pesquisa – que tem como objetivo principal apresentar as técnicas de elaboração de obras de natureza lexicográfica.

2.7 GLOSSÁRIO

Tendo em vista que o presente estudo tem como objetivo principal investigar à luz das teorias linguísticas (Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialetologia) o vocabulário que se faz presente na comunidade de pescadores do Canto do Mangue em Natal/RN - através da apresentação de um glossário geral (profissional e sociocultural) que descreve, sobretudo, os termos participantes desse universo vocabular em língua portuguesa – faz-se necessário recorrer às principais teorias que abordam as técnicas necessárias para a elaboração de obras lexicográficas (dicionários, vocabulários, glossários).

Essas obras, por sua vez, registram e definem com precisão os mais variados itens lexicais utilizados por uma determinada comunidade de falantes. Sendo assim, de acordo com Faulstich (1990, p. 02) o glossário é um “inventário terminológico, de caráter seletivo, que tem como finalidade registrar e definir termos de domínios científicos, técnicos ou culturais, independentemente do suporte material em que se apresenta”.

A elaboração de um glossário geral da linguagem dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN, pode ser percebido de imediato como uma obra lexicográfica que tem o objetivo principal de auxiliar os interessados em estudar a linguagem da pesca, sobretudo, no sentido de tirar dúvidas sobre o significado de um determinado termo específico. Vale ressaltar ainda que o referido glossário, vai além dessa visão, pois trata-se de uma obra lexicográfica que descreve os termos específicos dos profissionais investigados através das relações existentes entre língua/sociedade e, conseqüentemente, entre língua/cultura. De acordo com Krieger (2006, p. 85), as obras de natureza lexicográfica vêm “se mostrando uma eficiente ferramenta que auxilia a sistematizar o conhecimento da área, ao mesmo tempo em que possibilita a difusão do mesmo”.

A elaboração de uma obra lexicográfica seja ela um dicionário, um vocabulário ou um glossário exige por parte do elaborador não só um conhecimento técnico, mas também um conhecimento de mundo aliado a um sentimento de paixão no fazer lexicográfico.

Conforme Weinrich (1979, p. 314):

Fazer um dicionário é um assunto sumamente laborioso que requer, além de capacidades científicas tão espetaculares como agudeza de espírito, fantasia, coerência e juízo crítico, muitas virtudes discretas, aparentadas com as dos artífices, como paciência, assiduidade, constância, precisão nos pormenores e - por último, mas não em ínfimo lugar – uma grande paixão de colecionador³.

Nesse sentido, conforme Bevilacqua e Finatto (2006, p. 45), a obra lexicográfica deve estar “associada a um trabalho de linguistas aplicados e terá, em geral, uma vinculação com três elementos básicos. Esses elementos são: a) um corpus de referência; b) uma dada concepção de gramática e de língua; c) uma concepção determinada de descrição do significado”.

De acordo com Almeida (2007, p. 409-410) as etapas metodológicas constitutivas de qualquer obra terminológica à luz da Teoria Comunicativa da Terminologia, são:

- Coleta (ou extração) de termos;
- Elaboração do mapa conceitual (também denominado estrutura conceitual), doravante ontologia;
- Inserção dos termos na ontologia e sua validação pelos especialistas;
- Elaboração e preenchimento das fichas terminológicas;
- Elaboração e incremento da base definicional;
- Elaboração das definições e informações enciclopédicas (quando for o caso);
- Edição dos verbetes.

A extração de termos, conforme Almeida (2007, p. 410), “diz respeito à obtenção do conjunto terminológico que comporá a nomenclatura do glossário ou dicionário [...]”. Nessa perspectiva, “[...] a extração pode ser feita de forma manual ou automática, entretanto, quando se utiliza extração automática, é necessária a elaboração de corpus em formato digital, evidentemente [...]”. Nesse sentido, “[...] os termos obtidos devem ser inseridos na ontologia, por isso ela deve ser organizada preliminarmente, ou concomitantemente à extração dos termos [...]”, tendo em vista

³ WEINRICH, H. A verdade dos dicionários. In: VILELA, M. (Org.) Problemas da Lexicologia e Lexicografia. Porto: Civilização, 1979.

“[...] que à medida que os termos vão sendo obtidos é que se pode ter uma visão real de quais serão os campos nocionais que deverão integrar a ontologia”.

Para Almeida (2007, p. 410-411), a ontologia é uma “organização semântica da área objeto, semelhante ao que se entende por árvore de domínio, a diferença é que os conceitos/termos estão ali armazenados [...]”. Dessa forma, “[...] organiza-se uma estrutura constituída de campos nocionais, de forma que essa estrutura reflita os conceitos da área-objeto bem como as relações entre eles [...]”. Assim sendo, a ontologia deve ser elaborada, sobretudo, pelos terminólogos com a participação direta dos profissionais da área-objeto.

Nesse sentido, de acordo com Almeida (2007, p. 411), na pesquisa terminológica, a ontologia é fundamental para:

- Possibilitar uma abordagem mais sistemática de um campo de especialidade;
- Circunscrever a pesquisa, já que todas as ramificações da área-objeto, com seus campos, foram previamente consideradas;
- Delimitar o conjunto terminológico;
- Determinar a pertinência dos termos, pois separando cada grupo de termos pertencente a um determinado campo, poder-se-á apontar quais termos são relevantes para o trabalho e quais não são;
- Prever os grupos de termos pertencentes à área-objeto, como também os que fazem parte de matérias conexas;
- Definir as unidades terminológicas de maneira sistemática;
- Controlar a rede de remissivas.

Ainda conforme Almeida (2007, p. 411), a partir do momento em que os termos são inseridos na ontologia a validação dos termos pelos especialistas é feita da seguinte forma:

Selecionam-se da ontologia determinados campos nocionais e pede-se que cada assessor assinala os termos considerados semanticamente relevantes em cada campo. A esse modo de selecionar termos denominamos critério semântico. Há que se ressaltar que esse critério é útil quando não se utiliza a extração automática de termos.

Depois da validação de termos pelos especialistas obtém-se os termos considerados relevantes. A partir daí, então, segundo Almeida (2007, p. 411), “começa o preenchimento das fichas terminológicas que é uma etapa imprescindível numa pesquisa terminológica [...]”. A ficha terminológica, por sua vez, “[...] constitui-se num verdadeiro dossiê do termo, contendo toda a sorte de informações que se mostrarem pertinentes para a pesquisa em foco [...]”. Daí, portanto, “[...] a razão de ela ser planejada logo no início do trabalho [...]”. Ainda conforme essa autora, é oportuno ressaltar que “[...] não há um modelo ideal de ficha terminológica, cada ficha, deve refletir as necessidades do projeto, isto é: “para quê” e “para quem” se faz determinado glossário ou dicionário [...]”, tendo em vista que essa etapa é muito importante, pois “[...] auxilia o terminólogo a prever quais campos deverão constar do protocolo de preenchimento da ficha terminológica”.

Simultaneamente ao preenchimento da ficha, ainda de acordo com Almeida (2007, P. 412), implanta-se a base definicional, “que tem como função armazenar todos os excertos definitórios ou quaisquer contextos explicativos referentes aos termos, de forma a facilitar a redação da definição [...]”. Para essa autora, “[...] esses excertos são extraídos da bibliografia especializada disponível [...]”, pois é imprescindível armazenar essas informações, uma vez que:

- Somente com o preenchimento de um número suficiente de excertos definitórios é que a redação de uma definição pode ser iniciada;
- A quantidade e qualidade de excertos devem ser suficientes para elucidar o redator das definições, uma vez que este não é um especialista da área-objeto;
- As definições, depois de elaboradas, são submetidas à apreciação dos especialistas, caso eles encontrem algum problema conceitual, questionem as fontes bibliográficas ou peçam que o trabalho seja refeito, é possível um retorno a essas informações constantes de base definicional, não sendo necessária uma volta aos textos originais, que nem sempre estão à disposição de terminólogo. Em vista disso, a base deve ser frequentemente atualizada.

Almeida (2007, p. 412-413), explica que, após a implantação da base definicional da obra lexicográfica, começa a etapa da redação da definição terminológica que é a “[...] descrição linguística de um conceito, baseada numa lista de características que transmitem o significado desse conceito [...]”. Segundo essa autora, “[...] o texto definitório possui a forma de uma predicação sobre uma palavra ou expressão [...]” e, portanto, as definições são geradas levando-se em consideração as seguintes orientações:

- O dicionário terminológico tem a função precípua de facilitar a comunicação, para tanto, o texto definitório deve ser suficientemente claro e completo para que o consulente entenda. Assim, ainda que os tipos de definição sejam utilizados como orientação, eles não devem subjugar o texto. Ao contrário, se tivermos de fazer concessões para que se dê o entendimento do termo-entrada, essas concessões serão feitas;
- Não estabelecemos com exatidão que a(s) característica(s) intrínseca(s) deve(m) figurar na definição e a(s) extrínseca(s) na informação enciclopédica, pois nem sempre se pode classificar com segurança o que são características (ou traços distintivos) intrínsecas e extrínsecas do conceito cujo termo está sendo definido. Juntamente com a redação costuma-se redigir também as informações enciclopédicas. Ambas são tratadas de modo diferente porque normalmente a definição é um campo obrigatório do verbete, e a informação enciclopédica não. Ressalte-se, ainda, que tanto definições quanto informações enciclopédicas são validadas pelos especialistas.

Após elaboradas e validadas as definições e as informações enciclopédicas são incorporadas à ficha terminológica, o que permitirá, a fase final do trabalho: a edição dos verbetes, que de acordo com Almeida (2007, p. 413):

A edição dos verbetes nada mais é do que a seleção de alguns campos da ficha para constarem do modelo do verbete final. Via de regra, há nos verbetes informações sistemáticas (obrigatórias em todos os verbetes) e não-sistemáticas (informações não recorrentes).

Para a elaboração de uma obra lexicográfica, seja um dicionário, um glossário ou um vocabulário o pesquisador terá que seguir as seguintes etapas de produção:

- A organização do corpus;
- A produção do mapa conceitual;
- O preenchimento das fichas terminológicas;
- A redação das definições;
- A organização da macroestrutura;
- A organização da microestrutura da obra.

Em resumo, a organização do *corpus* se dá através da observação da língua em uso real respeitando os princípios da representatividade da amostragem disponibilizada. A produção do mapa se dá de acordo com a população e a área investigada. A ficha terminológica funciona como um documento que arquiva todas as informações que servirão de alicerce para o desenvolvimento da obra lexicográfica. A redação das definições é uma das etapas mais importantes da elaboração de uma obra lexicográfica, pois requer maior atenção do redator, tendo em vista que um dicionário, vocabulário ou glossário é avaliado pela qualidade das suas definições. Por último, temos a organização da macroestrutura e da microestrutura: etapas finais da elaboração de uma obra lexicográfica. A macroestrutura é formada por: introdução, mapa conceitual, apresentação dos verbetes, índice alfabético dos termos, índice alfabético de equivalências e bibliografia. Já a microestrutura é formada por: entrada, definição, remissivas, contexto, informações enciclopédicas, sinônimos e indicações de uso para casos de variação.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa trata de uma análise léxico-semântica da linguagem dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN e, para tanto, foram necessárias a realização de duas etapas de trabalho - que embora distintas na sua efetivação – complementam-se no objetivo principal deste estudo: glossário do falar dos pescadores.

Na primeira fase foi feito um amplo levantamento bibliográfico sobre as principais teorias que norteiam este estudo:

- Lexicologia: por se tratar de uma pesquisa que faz o levantamento do léxico que permeia na linguagem dos pescadores investigados;
- Lexicografia: por se tratar de um estudo que traz como produto final um glossário;
- Semântica: por ser a ciência que estuda o processo das significações;
- Sociolinguística: por ser uma disciplina que revela as relações entre língua e sociedade;
- Etnolinguística: por ser uma disciplina que estuda as relações entre língua e cultura de uma determinada comunidade de falantes;
- Dialetoлогия: por ser a ciência que estuda a fala das várias camadas da sociedade rural e urbana.

Na segunda parte está a pesquisa de campo propriamente dita onde estão explicitados todos os passos para o êxito desta análise, assim distribuídos:

- Delimitação do corpus;
- Universo da pesquisa;
- Seleção da localidade;
- Seleção dos informantes;
- Critérios de amostragem;
- Estratificação da amostra;
- Instrumentos de pesquisa;

- Equipamentos utilizados;
- Levantamento dos dados;
- Registro dos dados coletados.

3.1. DELIMITAÇÃO DO CORPUS

A escolha da localidade e dos informantes aconteceu de forma inusitada através de uma conversa informal - anos atrás com um dos pescadores do estado do Rio Grande do Norte - a qual rendeu uma troca de informações bastante rica e, consequentemente, um aprendizado valioso para ambas as partes.

3.2. UNIVERSO DA PESQUISA

O universo da pesquisa constitui-se primordialmente no estudo do falar dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal, no estado do Rio Grande do Norte.

As primeiras referências à colônia de pesca do Canto do Mangue datam da década de 1922, quando os primeiros bairros de Natal dividiam-se entre a Cidade Alta e a Ribeira. O canto do Mangue está situado no bairro das Rocas - à margem do Rio Potengi – única porta de entrada de navegações na cidade do Natal.

Embora existam mais duas colônias de pesca em Natal: Ponta Negra e Redinha, a escolha por essa comunidade se justifica porque o Canto do Mangue é a principal colônia de pesca da capital, tendo em vista que boa parte dos pescados consumidos no estado do Rio Grande do Norte, bem como os que são exportados para as mais diversas regiões do mundo, desembarcam nesse local.

A segunda justificativa pela escolha dessa comunidade dá-se, à medida que, a colônia de pesca do Canto do Mangue conta atualmente com aproximadamente 350 profissionais da pesca, um número bastante significativo de pescadores num mesmo universo linguístico e profissional.

3.3. SELEÇÃO DA LOCALIDADE

A pesquisa de campo em toda a sua totalidade foi realizada na Colônia de Pescadores do Canto do Mangue, no Bairro das Rocas, zona oeste da cidade do Natal, estado do Rio Grande do Norte.

3.4. SELEÇÃO DOS INFORMANTES

Os informantes desta pesquisa foram agrupados em duas classificações: pescadores (sexo masculino) e pescadoras (sexo feminino). Consideramos vinte informantes um número representativo, assim distribuídos:

- 10 pescadores (sexo masculino)
- 10 pescadoras (sexo feminino)
-

A totalidade dos entrevistados é profissional da pesca que está na ativa (que não se encontra aposentado). Vale enfatizar que só conseguimos fácil acesso aos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN, através da colaboração da presidente da Colônia de Pesca de Natal/RN, Rosângela Silva Nascimento, que nos apresentou vários profissionais da pesca, desde os mais novos até os mais antigos na profissão, o que nos forneceu um leque abrangente de possíveis informantes, contribuindo assim, para o êxito dos objetivos da nossa pesquisa.

3.5. CRITÉRIOS DE AMOSTRAGEM

Os informantes foram escolhidos de acordo com os seguintes critérios:

- **Sexo:** Ambos os sexos;
- **Idade:** Adultos acima de 30 anos;
- **Profissão:** Pescador(a) ativo(a) registrado(a) em conselho trabalhista;
- **Tempo de profissão:** Acima de 10 anos de experiência profissional;
- **Naturalidade:** Nascidos no Estado do Rio Grande do Norte;
- **Residência:** Que morem no bairro das Rocas em Natal/RN;
- **Atuação profissional:** Que atuem profissionalmente no Canto do Mangue.

3.6. ESTRATIFICAÇÃO DA AMOSTRA

Foram realizadas duas entrevistas distintas com 10 pescadores e com 10 pescadoras do Canto do Mangue, em Natal/RN. A primeira entrevista aconteceu logo no primeiro contato com o entrevistado através do preenchimento da ficha individual do informante. A segunda entrevista, a mais extensa, ocorreu através da aplicação do questionário semântico-lexical.

A distribuição da amostra ficou da seguinte forma:

- **Número de informantes:** 20 informantes;
- **Sexo:** masculino (10 informantes) e feminino (10 informantes);
- **Faixa etária:** Acima de 30 anos de idade;
- **Localidade:** Canto do Mangue – Natal/RN

Para a identificação dos informantes do sexo masculino usamos a seguinte codificação:

- M1 – Informante masculino nº 1
- M2 – Informante masculino nº 2
- M3 – Informante masculino nº 3
- M4 – Informante masculino nº 4
- M5 – Informante masculino nº 5
- M6 – Informante masculino nº 6
- M7 – Informante masculino nº 7
- M8 – Informante masculino nº 8
- M9 – Informante masculino nº 9
- M10 – Informante masculino nº 10

Para a identificação das informantes do sexo feminino usamos a seguinte codificação:

- F1 – Informante feminino nº 1
- F2 – Informante feminino nº 2
- F3 – Informante feminino nº 3
- F4 – Informante feminino nº 4
- F5 – Informante feminino nº 5
- F6 – Informante feminino nº 6
- F7 – Informante feminino nº 7
- F8 – Informante feminino nº 8
- F9 – Informante feminino nº 9
- F10 – Informante feminino nº 10

3.7. INSTRUMENTOS DE PESQUISA

- Ficha de identificação dos informantes;
- Ficha da localidade;
- Questionário semântico-lexical;

3.8. EQUIPAMENTOS UTILIZADOS

- Gravador cassete portátil;
- Fitas Cassete BASF 60;
- Gravador digital;
- Câmera digital;
- Computador;

- Impressora;
- Pen-drive;

3.9. LEVANTAMENTO DOS DADOS

Os primeiros passos da pesquisa aconteceram no mês de setembro de 2008 com uma visita ao Canto do Mangue, em Natal/RN. Ao chegarmos ao local, presenciamos um movimento intenso de pescadores e comerciantes de pescados numa verdadeira feira ao ar livre. Muitas embarcações ancoradas e algumas outras chegando do mar. As que permaneciam ancoradas estavam sendo descarregadas e higienizadas para uma próxima pescaria. As que estavam no mar aguardavam a devida autorização para aportar.

Após essa observação abordamos um dos informantes da nossa pesquisa e aproveitamos a oportunidade para alguns esclarecimentos sobre o dia-a-dia da pesca. A conversa informal (sem instrumentos de pesquisa) aconteceu de forma rápida, tendo em vista que o nosso informante estava em horário de expediente e precisava retomar às atividades profissionais.

Na conversa informal com o nosso informante, perguntamos se havia alguma instituição (sindicato, conselho profissional) que acompanhava e regia a atividade da pesca no Canto do Mangue e o mesmo prontamente nos respondeu que sim indicando a Colônia de Pescadores de Natal/RN.

A partir daí, então, começou o segundo passo da nossa pesquisa: a primeira visita à Colônia de Pesca de Natal/RN. O primeiro contato deu-se com a presidente Rosângela Silva Nascimento que nos atendeu com bastante presteza e com admiração a proposta da nossa pesquisa. Na ocasião, nos apresentou um breve histórico da comunidade do Canto do Mangue revelando-nos algumas particularidades socioculturais do dia-a-dia do pescador local.

O terceiro momento e o mais importante da pesquisa foi o contato direto com os nossos informantes. A nossa ponte de ligação entre a pesquisa e os pescadores foi a

presidente da Colônia de Pesca de Natal/RN, Rosângela Silva Nascimento, que foi a campo juntamente com os pesquisadores e nos apresentou de forma direta aos informantes. Na oportunidade, a presidente explicou-lhes a importância da nossa pesquisa tanto em nível social como em nível local, o que deixou os nossos informantes completamente acessíveis para a realização da nossa pesquisa.

Após as apresentações, começou, de fato, a pesquisa propriamente dita: visita à comunidade, preenchimento da ficha de localidade, aplicação da ficha de identificação do informante e entrevistas gravadas a partir do questionário semântico-lexical.

No primeiro momento, com o objetivo de mapear a região ora estudada, foi preenchida a ficha de localidade constando as seguintes informações: nome da localidade, nome gentílico, Lei de criação e data de elevação à categoria de Município, desmembramento, mesorregião, zona homogênea do planejamento, microrregião do IBGE, índice do desenvolvimento humano, esperança de vida ao nascer. Sobre a caracterização física da localidade: coordenadas geográficas, área, altitude da sede, vias de acesso, limites. Em relação ao clima: tipo, precipitação pluviométrica anual, período chuvoso, temperaturas médias anuais, umidade relativa média anual, horas de insolação. Quanto à população e dados demográficos: população total (homem e mulher; urbana e rural). Sobre aos recursos econômicos: quantidade produzida dos principais produtos agrícolas, produtos de origem animal, produção de óleo ou petróleo líquido e gás natural em terra. Em relação à infra-estrutura: educação (estabelecimentos de ensino por dependência administrativa), saúde (estabelecimentos de saúde pública e números de leitos disponíveis). Quanto à comunicação: unidades postais e telegráficas, emissoras de rádio, sinais de recepção de televisão e jornais em circulação. Sobre a representação política e legislação: composição política e movimento eleitoral. Em relação às informações socioculturais: cultura e lazer e principais eventos. Por último: histórico da localidade, observações gerais e a data de preenchimento.

No segundo, na visita de campo, após as primeiras apresentações iniciais (pesquisa e pescadores), foi aplicada a ficha de identificação dos informantes contendo: nome, nome gentílico, código, sexo, data de nascimento, idade, naturalidade, endereço, telefone, estado civil, nível de escolaridade, empresa onde trabalha, profissão, tempo de trabalho na função de pescador, observações e data do preenchimento da ficha.

No terceiro, o mais importante de todos os momentos da pesquisa, foi aplicado um questionário semântico-lexical contendo cerca de 30 perguntas sobre a atividade da pesca no Canto do Mangue. As perguntas foram feitas de maneira informal com o

objetivo de não constranger os entrevistados. A intenção era descontraí-los para que os mesmos não perdessem a espontaneidade. Todos os 20 informantes autorizaram o método de entrevista gravada e, para tanto, mantivemos o gravador ligado durante todo o tempo das entrevistas.

Foi utilizada também a máquina fotográfica digital para registros de imagens do dia-a-dia profissional dos pescadores. As imagens serviram de suporte para o êxito da pesquisa.

3.10. REGISTRO DOS DADOS COLETADOS (transcrição ortográfica das entrevistas)

Esta é uma das últimas etapas do trabalho, a qual podemos considerá-la como a pesquisa propriamente dita.

De posse das informações registradas no gravador, começamos a fazer a transcrição ortográfica das entrevistas. A partir daí, começamos a fazer uma triagem dos termos e expressões mais falados por essa comunidade linguística. Em seguida, fizemos a compilação dos referidos termos e expressões na ficha terminológica: agrupando-os em ordem alfabética e separando os termos e expressões que apresentaram variações linguísticas. O preenchimento da ficha terminológica obedeceu aos padrões estruturais requeridos pela praxe dicionarística, conforme modelo proposto por Faulstich (2009)⁴:

O campo 1, é o da *numeração* do documento; no 2, registra-se, em minúsculas e no singular e com a grafia fiel a do documento de onde é retirado, o *termo-entrada*, que é, normalmente, um nome ou um sintagma nominal. O campo 3, requer a *categoria gramatical* e o campo 3.1., o *gênero*; no campo 4, a(s) *variante(s) gráfica(s)*.

No campo 5., a *área* e a *subárea* são indicadas. O campo 6. é necessária a definição e a fonte. Se a definição apresentar uma formulação correta e adequada aos princípios de uma metalíngua que esclareça, de fato, o consulente da obra, ela é tão-somente transcrita; se, por outro lado, apresentar-se inconsistente, procede a melhora do texto, com base em outros documentos e com o testemunho da autoridade competente da área. Após a definição, lança-se a fonte, seja uma obra técnica ou científica, seja um pesquisador que nos dê uma informação oral.

No campo 7 - *contexto* – copia-se um trecho da obra que contextualize o termo-entrada e demonstre seu uso naquela literatura para que o leitor do glossário tenha,

⁴ FAULSTICH, Enilde. **Elaboração de um glossário de termos de melhoramento genético de plantas**. In: <<http://www.riterm.net/actes/3simposio/faulstic.htm>> Acessado em julho de 2009.

nessa ilustração, uma pista para o uso do termo. Segue a indicação da fonte (na presente pesquisa essa metodologia não foi aplicada, pois os termos foram coletados através de entrevistas orais).

No campo 8., registram-se as remissivas. Estas se classificam segundo as relações semânticas que mantêm com o termo-entrada ou entre si. Tais relações podem ser ou de natureza inclusiva, como a hiperonímia e a hiponímia, ou equivalente, como a sinonímia, ou associativa, como o conceito conexo

Os campos de 9 a 14 da ficha exigem registros gerais, do tipo, termo normalizado, data da normalização, instituição, autor da ficha, data de preenchimento e notas gerais.

4. ORGANIZAÇÃO DO GLOSSÁRIO

4.1. A MACROESTRUTURA

- Aproximadamente 200 verbetes;
- As entradas são apresentadas em ordem alfabética (conforme a metodologia onomasiológica), em caixa alta, negrito, fonte *times new roman* com tamanho 12. para o restante do verbete, foi utilizada a mesma fonte;
- Categoria gramatical (adj = adjetivo, exp = expressão, s.f = substantivo feminino, s.m = substantivo masculino e v = verbo);
- Indicação de termo dicionarizado com sentido equivalente (TDSE) em caixa alta;
- Indicação de termo dicionarizado com sentido diferente (TDSD) em caixa alta;
- Indicação de termo não dicionarizado (TND) em caixa alta;
- Entre parênteses, em caixa alta, estão os autores pesquisados para o registro de termo dicionarizado com sentido equivalente e termo dicionarizado com sentido diferente: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (DHLP), Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MMDLP) e Novo Aurélio da Língua Portuguesa (NALP);
- Definição conforme descrição fornecida pela fonte. Havendo mais de uma definição estas aparecerão numeradas;
- Registro de variação em itálico através da indicação VAR;
- Registro da remissiva em negrito através da indicação VER.
- Registro da abonação entre colchetes e em itálico.

4.2. A MICROESTRUTURA

Para a organização dos verbetes no glossário, adotamos o seguinte modelo:

Termo-entrada + informação gramatical + dicionarização + definição +/- variação + definição +/- remissivas + abonação (em alguns casos).

GLOSSÁRIO DO FALAR DOS PESCADORES DO CANTO DO MANGUE

A

AGULHÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 3 metros de comprimento e chega a pesar até 350 quilos. De cor azulada e de carne avermelhada e saborosa é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

ALVACORA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 60 quilos. De cor escura com uma pinta amarela na cauda e de carne escura é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização. VAR. *albacora*.

ANCORADO adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

A mesma coisa que barco atracado.

ANZOL s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Instrumento de aço, de forma curvada, que serve para fisgar os peixes.

APETRECHO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Todo o material necessário para realizar uma boa pescaria: anzol, rede, faca, gelo, linha.

ARABAIANA s.f

TDSE (MMDLP) TND (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 40 quilos. De cor amarela e de carne branca é um pescado muito apreciado no mercado local.

ARAÇANGA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Instrumento de madeira que serve para matar os peixes de médio e grande portes antes de levá-los à urna de gelo.

ARATU s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo pequeno de cor vermelha.

ARRAIA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que tem duas nadadeiras laterais e calda fina que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 6 metros de comprimento e chega a pesar até 50 quilos. De cor cinza e de carne branca é um pescado que não tem boa aceitação no mercado.

ARRANQUE s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Linha utilizada na pesca que tem maior resistência e diâmetro. 2 Linha grossa utilizada para pescar peixes de médio e grande portes.

ARIOCÓ s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 45 centímetros de comprimento e chega a pesar até 2 quilos. De cor branca e listras amarelas nas laterais e de carne branca é um peixe que não tem boa aceitação no mercado.

ARPÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Arma em aço, em forma de flecha, fixado a um fio preso a uma espécie de revólver que serve para pescar peixes.

ARRASTÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede utilizada nas pescarias feitas à beira-mar.

ARRIAR A REDE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Retirar os peixes que foram retidos na rede de pescar.

ATRACADO adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

A mesma coisa que barco ancorado. VER. **ancorado**.**ATRAVESSADOR** s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Vendedor de peixes que atua entre o pescador e o consumidor.

AQUI PERTO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Proximidades da praia ou do rio.

B

BAGRE AMARELO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 90 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor amarelada e com três espinhos externos, é um pescado que não tem boa aceitação no mercado.

BAGRE BRANCO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 90 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor branca e com três espinhos externos é um pescado que não tem boa aceitação no mercado.

BAGRE DE FITA s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 90 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor branca e com três espinhos externos, possui fitas na parte inferior. É um pescado que não tem boa aceitação no mercado.

BAIXA-MAR s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando a maré atinge o seu nível mínimo. VAR. *maré seca ou baixa*.

BALAIÓ s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Cesto confeccionado de cipó que serve para o transporte dos peixes.

BANCO DE GOVERNO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Assento que fica localizado na popa da embarcação.

BANCO DE PROA s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Assento que está localizado na proa da embarcação.

BANCO DE VELA s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Assento que segura o mastro da embarcação.

BANCO DO MEIO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Assento que está localizado na parte central da canoa.

BARRACÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Local onde são guardados os apetrechos da pesca.

BARBUDO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 60 centímetros de comprimento e chega a pesar até 900 gramas. De barba e de cor preta e amarelada e de carne branca é um pescado de boa aceitação no mercado e de fácil comercialização.

BARCO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Modelo de embarcação de pesca. VER. **bote****BARCO A MOTOR** exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Barco movido a motor que alcança alta velocidade.

BARCO À VELA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Embarcação de pesca movido à vela.

BARCO DE PESCA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Barco exclusivo para pescaria.

BATER FOFO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando o pescador volta para a terra firme sem ter pescado peixes. VAR *pescaria fraca*. VER. **dedo atolado**.

BATER ISCA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Quando o pescador joga o anzol com as iscas de camarão ou de vísceras de peixes no mar. 2 O mesmo que arremessar as iscas ao mar. VER. **bater na porta**.

BATER NA PORTA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Quando o pescador arremessa a isca de camarão ou de vísceras de peixes próxima ao local onde se encontram os peixes. 2 O mesmo que arremessar a isca no local do cardume.

BATIDA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Quando os peixes investem na isca. 2 O mesmo que vários peixes ao redor do anzol disputando a mesma isca. VER. **pegadeira**.

BAÚNA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas e rasas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor vermelha e de carne branca é um pescado muito saboroso e de fácil comercialização.

BICUDA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas profundas, com boca em forma de bico, muito temido pelos mergulhadores por ser muito feroz. Na fase adulta chega a medir até 2 metros de comprimento e chega a pesar até 40 quilos. De cor branca acinzentada e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado.

BIQUARA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 15 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cor marrom e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado.

BOCA DA BARRA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Canal de entrada das embarcações no Rio Potengi. VER. **canal da Barra.**

BOCA DA NOITE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que início da noite. Às 18 horas.

BOCA MOLE s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte, que tem um defeito na boca e que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor branca e nadadeiras amarelas é um peixe bem aceito no mercado. [O <boca mole> tem esse nome porque ele tem um defeito na boca] (F.C / M3)

BODIÃO AZUL s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor azul e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado internacional. VAR. *budião azul*.

BODIÃO MARROM s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor marrom e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado internacional. VAR. *budião marrom*.

BOINHO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 10 centímetros de comprimento e chega a pesar até 100 gramas. De cor cinza é um peixe de carne branca que serve como isca.

BOM DE LINHA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador que pesca muitos peixes. VER. **pé quente**.

BONITO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 9 quilos. De cores branca e azul e de carne avermelhada é um pescado muito apreciado no mercado.

BORDA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

É um revestimento de madeira localizado ao redor de toda a embarcação.

BOTE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

A mesma coisa que barco.

BOTO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de mamífero da família dos golfinhos.

BRAÇA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Termo que compreende a 1 metro e meio de distância. [*Aqui perto a gente pesca a 10 <braças>*] (J.A / M1).

BRUTO adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Peixe feroz. 2 Peixe agressivo. 3 Peixe brabo.

BÚSSOLA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Aparelho que serve para orientar o comandante da embarcação onde está a região norte.

C

CABEÇO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Local que tem bastante pedras no fundo do mar. [É muito bom pescar nos cabeços porque escondem muitos cardumes de peixes] (J.A / M1).

CABINE s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte da embarcação que está localizada acima do convés que tem a finalidade de abrigar a tripulação.

CAÇÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 60 centímetros de comprimento e chega a pesar até 50 quilos . De cor branca, cauda fina e sem espinhas é um pescado que tem boa aceitação no mercado.

CAÇOEIRA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pescar de bastante resistência confeccionada com malha.

CACHORRO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Âncora feita de pedra de paralelepípedo.

CAÍCO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe de pequeno porte que geralmente é desprezado por não ter o tamanho ideal para tratamento e consumo. VER. **Lombriga**

CAIXA DE MÁQUINA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Local no qual está localizado toda a parte mecânica da embarcação.

CALÇA BRANCA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Pescador iniciante na profissão. 2 Pescador novato. 3 Pescador aprendiz. 4 Pescador inexperiente.

CALOEIRA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Corda que fica amarrada em um pedaço de madeira que serve para as redes não se enrolarem no mar.

CAMARÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Crustáceo bastante pescado na costa do Estado do Rio Grande do Norte. Tanto é comercializado internamente como é exportado para as mais diversas regiões do Mundo.

CAMBOA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Entrada larga do rio que corta o manguezal. VER. **gamboa**. [*A gente só pesca na <camboa> porque é mais aberto pra andar e navegar*]. (T.F.N / F1).

CAMURIM s.m

TDSE (MMDLP) TND (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 20 quilos. De cor cinza e peito amarelo e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local. VAR. *camorim*.

CAMURUPIM s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 80 quilos. De cor prata e de carne branca é um peixe de fácil comercialização.

CANAL DA BARRA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

A mesma coisa que boca da Barra.

CANGAPÉ s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Quando os peixes dão saltos de dentro para fora do mar. VAR. *balé dos peixes*.

CANOA s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Embarcação de pequeno porte movida a remo.

CANTO DO MANGUE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Local onde estão as embarcações de pesca e o mercado de peixe local.

CARAÚNA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cor marrom e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado internacional.

CARAPICU s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cor branca e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.

CARREGADO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe que provoca inflamações no corpo humano.

CARDUME s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Vários peixes da mesma espécie nadando na mesma direção.

CARAPEBA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 60 centímetros de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De cor branca e de carne branca é um pescado carregado, mas de fácil comercialização.

CASCO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte exterior da embarcação, mais precisamente o fundo e as laterais. VER. **quilha**.**CATRAIA** s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Embarcação de pequeno porte parecida com uma jangada com apenas um banco na parte da frente. [*Aqui perto a gente só pesca na <catraia>, mas lá fora só de barco*]. (J.A / M1).

CAVALA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 2 metros de comprimento e chega a pesar até 60 Kg. De cor branca no peito e de cor azul no dorso e de carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

CHACARRÔNEA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 5 quilos. De cor preta e de carne branca é um peixe de fácil aceitação no mercado local. VER. **dorminhoco**. VAR. *chacarrônia*. [*O peixe <chacarrônea> também é muito conhecido aqui como dorminhoco*]. (J.B.F.B / M8).

CHAMADINHA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Barulho da isca em contato com a água exclusivamente para chamar a atenção dos peixes.

CHAMA MARÉ s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial. VER. **maria farinha, xié**.

CHASQUEAR v

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Fisgar o peixe. VER. **ferrar**.

CHIRA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 10 centímetros de comprimento e chega a pesar até 50 gramas. De cor prateada e de carne branca é um peixe que não é bem aceito no mercado por ser muito pequeno.

CHUMBADA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Instrumento feito de chumbo que serve para manter a linha de pescar submersa à água.

CHUMBO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de metal utilizado nas pescarias por ser um instrumento pesado que conduz à linha a uma maior profundidade na água.

CINTADO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Laterais da embarcação.

CIOBA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar entre 18 e 20 quilos. De cor vermelha e de carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização por ser uma alimentação leve e saudável.

COIVARA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Fogo feito para limpar o terreno às margens do rio que servirá de abrigo e de base para os pescadores.

COLHER s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Isca artificial que tem a mesma característica de uma colher de mesa.

COLÔNIA DE PESCA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Instituição não governamental que dá suporte profissional aos pescadores profissionais registrados.

COMANDANTE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Profissional que comanda a embarcação.

COMANDO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Local de onde o comandante governa a embarcação.

CONVÉS s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte da embarcação que começa no comando e termina na proa.

CORÓ AMARELO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor amarela é um peixe bem aceito no mercado.

CORÓ BRANCO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor branca é um peixe bem aceito no mercado.

CORTIÇA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Bóias amarradas na rede de pescar

CORVARA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que coivara. VER. **coivara**.

CORVINA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor branca com listras pretas é um peixe bem aceito no mercado e de fácil comercialização. VER.

Cururuca**COSTA** s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Extensão do litoral

COVO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Armadilha de madeira em forma de caixote que serve para pegar peixes no fundo do mar.

CURURUCA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor branca com listras pretas é um peixe bem aceito no mercado e de fácil comercialização.

D

DEDO ATOLADO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando o pescador volta a terra sem peixes ou com um número de peixes insuficientes para um bom retorno financeiro.

DENTÃO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte, da família da piranha, tem dentes grandes e habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 20 quilos. De cor avermelhada e uma pinta preta na cauda e de carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

DETONAR v

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando o pescador pesca muitos peixes e volta à terra com o porão da embarcação lotado de pescados.

DORMINHOCO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 5 quilos. De cor preta e de carne branca é um peixe de fácil aceitação no mercado local.

DOURADO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir 2 metros de comprimento e chega a pesar 30 quilos. De cor dourada com listras dorsais azul, preta e verde e de carne avermelhada é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

E

EMBARCAÇÃO s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

A mesma coisa que transporte marítimo.

EMBODOCAR v

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

1 Envergar. 2 Quando a vara de pescar embodoca ou enverga.

ENCACHORRAR exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Manter um peixe dentro d'água com a intenção de fisgar o outro peixe que acompanha o peixe fisgado.

ENCAÇAPAR v

TND (DHLP; MMDLP) TDSD (NALP)

Deter o peixe no passaguá.

ENCHARUTAR exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando o peixe põe toda a isca na boca, juntamente com o anzol.

ESPADA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 8 quilos. De cor prateada e carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

ESPINHEL s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pescar que contém vários anzóis.

ESTOFADO exp

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando o movimento do mar está estabilizado (que não sofre alteração na altura e no nível).

ESTOURO exp

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando o peixe fiska a isca na superfície da água.

F

FAJUTAR v

TND (DHLP; MMDLP) TDSD (NALP)

Quando o peixe desiste de fisgar a isca e some.

FATEIXA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de âncora feita de madeira que tem uma pedra em seu interior.

FATO s.m

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Vísceras de peixes. [*A gente trata o peixe no barco e joga o <fato> fora*] (E.C / M / 2).**FEIRA DAS ROCAS** exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Comércio ao ar livre, localizado no bairro das Rocas, onde os peixes são comercializados nas segundas-feiras.

FERRAR v

TDSD (DHLP; MMDLP) TDSE (NALP)

Fisgar o peixe.

FIO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Material utilizado para a confecção de redes e costuras das velas.

FRADE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peça feita de madeira que serve para segurar a âncora.

FUNDEAR v

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que ancorar. VAR. *fundiar*.

G

GPS s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Aparelho tecnológico que marca o ponto de saída e o ponto no qual a embarcação vai atracar.

GALO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 3 quilos. De corpo arredondado, de cor prateada e carne branca é um peixe de difícil comercialização no mercado local.

GALO DO ALTO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 15 quilos. De cor prateada e de carne branca é um pescado de boa aceitação no mercado local.

GAMBOA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Entrada larga do rio que corta o manguezal.

GARABEBEU s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 15 quilos. De cor amarelada e de carne branca é um pescado de fácil aceitação no mercado local.

GARAÇAPÉ s.m

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor vermelha e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.

GARACHUMBA BRANCA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 4 quilos. De cor branca e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.

GARACHUMBA PRETA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 4 quilos. De lombo preto, peito branco e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.

GARAJUBA s.f

TDSE (MMDLP) TND (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 4 quilos. De cor amarela e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.

GARAPAU s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas de hábitos noturnos. Na fase adulta chega a medir até 25 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cor prateada e carne branca é um pescado bem aceito no mercado, porém é bastante utilizado como isca natural pelos pescadores.

GARATÉIA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Pequena âncora feita de corda amarrada a uma pedra.

GARAXIMBOLA s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 12 quilos. De cor branca, de carne roxa e poucas escamas é um peixe bem aceito no mercado. VAR. *garassimbola*. [*O <garaximbola> é um peixe diferente porque quase não tem escamas e a carne dele é roxa. É um peixe muito gostoso mesmo*] (J.P.G / M5).

GARGAU s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 12 quilos. De cor branca, de carne roxa e sem escamas é um peixe bem aceito no mercado. VER. **garaximbola**

GAROPA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 15 quilos. De cor preta e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado local.

GARUPA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor marrom e de carne branca é um peixe de fácil comercialização.

GINGA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que sardinha. VER **sardinha**.**GOIAMUM** s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo que habita o mangue de carne muito apreciada. VAR. *goiamu*.**GOMA** s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Sujeira na água provocada pela ação da natureza.

GUAIÚBA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir meio metro de comprimento e chega a pesar no máximo 2 quilos. De cor rosada e listras pretas no dorso e de carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

GUAJÁ s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo de cor rosa que só habita em alto-mar.

H

HÉLICE s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peça integrada ao motor da embarcação em formato de ventilador.

J

JANGADA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Embarcação reta, feita de madeira, com aproximadamente 3 metros de comprimento. Possui vela, um banco de vela na parte da frente e um banco de governo na popa.

JERERÉ s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de rede de pescar de pequeno porte que tem uma roda de arame nas bordas muito parecida com uma peneira. VER. **pitibóia**. [*Aqui no mangue a gente usa muito o <jereré> pra pescar*]. (M.Z.L.G / f2).

L

LÁ FORA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que alto-mar.

LAMA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Terra do mangue misturada com água. [*Tem vez que a gente vai pro mangue e fica com a <lama> no meio das pernas*] (M.Z.L.G / F2).

LEME s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peça de madeira integrada ao timão que governa a embarcação.

LINGUICEIRO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador que utiliza iscas naturais.

LINHA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Fio de náilon preso à vara de pescar. Também é utilizada na confecção de redes de pescaria.

LINHA DE CHUMBADA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Linha utilizada na vara de pescar munida de pesos de chumbos. VER. **linha de fundo**

LINHA DE FUNDO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Linha utilizada na vara de pescar munida de pesos e chumbos.

LOCA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Esconderijo dos peixes entres as pedras no fundo do mar. [*A <loca> está nas pedras do fundo do mar. É lá que os peixes, os polvos, as moréias se escondem*] (J.P.G / M5).

LOMBRIGA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe de pequeno porte que geralmente é desprezado no mar por não ter o tamanho ideal para tratamento e consumo.

M

MALA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador inconveniente que não mantém um bom relacionamento com os demais colegas de profissão.

MALAGUETA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Peça de madeira em forma de pimenta que compõe o timão da embarcação.

MALHA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espessura da rede.

MALHAR v

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Cobrir o local de pesca com mais de um arremesso de redes.

MAMAR A ISCA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O peixe dá pequenos toques na isca sem fisgá-la.

MANGOTE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pescar de tamanho pequeno, com cerca de 15m, confeccionada com fio de nylon número 16. [*Aqui no rio a gente também pesca com o <mangote> que é uma rede de pescar pequena*] (M.Z.L.G / f2).

MANGUE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Local onde se pesca os caranguejos.

MANHOSO adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe lento que não é feroz e nem agitado.

MARCHANTE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Encarregado de limpar e comercializar os peixes.

MARÉ s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Alterações do nível do mar.

MARÉ GRANDE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Maré de força que deixa o mar agitado.

MARÉ DE LUA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Maré de lua cheia.

MARÉ MORTA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Maré que não tem força que deixa o mar tranquilo.

MARIA FARINHA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial.

MARISCADO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

A mesma coisa que colorido. [*O peixe saberé é <mariscado>: amarelo, preto e verde*]
(A.O / M6)

MARISCO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Relativo às espécies de bichos que vivem no mar, mas que não são peixes.

MARISQUEIRA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescadoras profissionais que pescam mariscos no mangue.

MARIQUITA s.f

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor vermelha e de carne branca é um peixe de fácil comercialização.

MARIQUITÃO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 12 quilos. De cor vermelha e de carne branca é um pescado de fácil comercialização.

MARUIM s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Mosquito que habita no mangue.

MASTRO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Estrutura de madeira que segura a vela da embarcação. [*O <mastro> é uma peça muito importante pois é o pau central que segura a vela do barco*] (J.P.G / M5).

MATREIRO adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe esperto que consegue roubar a isca sem ser fisgado.

MEIA LARANJA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

É o porão da embarcação. [*A <meia laranja> é o porão do barco onde a gente guarda tudo e é também onde o pescador descansa*] (J.P.G / M5).

MERCADO DO PEIXE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Situado no Canto do Mangue. É o principal local onde os peixes são comercializados.

MERCADOR s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor branca com listras pretas e de carne branca é um pescado de difícil comercialização no mercado local.

MERO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 2 metros de comprimento e chega a pesar até 30 quilos. De cor preta e manchas brancas e de carne branca é um peixe bem aceito no mercado. Atualmente está em período de defeso. [*O <mero> está em extinção e por isso é proibido pescar ele. Se ele vier na rede a gente tem que devolver para o mar*] (J.C.P.S / M10).

MORÉ DE BURACO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

É um peixe de pequeno porte que habita na raiz do mangue. Na fase adulta chega a medir até 10 centímetros de comprimento e chega a pesar até 400 gramas. De cor branca e carne branca é um pescado que não tem boa aceitação no mercado devido ao seu pequeno tamanho. [*O <moré de buraco> é um peixe muito pequeno, mas é bem gostoso e que só serve pra consumo da gente, pois é um peixe muito pequeno ninguém que comprar*] (A.F.D / M4)

MOSCA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Isca artificial que apresenta características de uma mosca.

MUCUREIRO adj

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador que mata os peixes antes de levá-los ao compartimento de gelo (porão).

MUTUCA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Mosca gigante que habita no mangue. A picada da mutuca na pele do ser humano causa fortes dores e ardor. [*O que mais incomoda no mangue é a peste da <mutuca>. A mordida dela dói muito e por isso a gente tem que ir pescar protegida por calça e blusa cumpridas*] (M.Z.L.G / f2).

MUVUCO adj

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Local onde se concentram várias espécies de peixes.

N

NÁILON s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Fio que serve para a confecção de redes de malha.

O

OLHO DE BOI s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor vermelha, de olhos grandes e carne branca é um peixe de difícil comercialização. [O <olho de boi> tem olho grande e, por isso, ele tem nome de <olho de boi>] (A.O / M6).

OSTRA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

É um molusco que vive dentro de um concha. Essa espécie geralmente é encontrada na raiz, no caule e no tronco do mangue.

P

PAMPO s.m

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 2 quilos. De cores amarela e azul é um peixe bem aceito no mercado local.

PARGO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte, da família do xaréu, que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 40 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo e meio. De cor preta e forma arredondada é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

PAQUETE s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Embarcação de pequeno porte, parecida com uma jangada, com um banco de vela na parte da frente e um banco de governo na proa.

PÉ FRIO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador ruim de pescaria.

PEGADEIRA exp

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Quando vários peixes atacam simultaneamente as iscas lançadas ao mar.

PEIXE GATO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a pesar até 50 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cor preta e pintas brancas é um peixe que não tem aceitação no mercado.

PEIXE REI s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 2 quilos. De cor amarelada e de carne branca é um peixe muito apreciado e de fácil comercialização.

PEMA s.m

TDSD (MMDLP) TND (DHLP; NALP)

Filhote do peixe camurupim.

PENA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cor dourada e listras pretas nas laterais e de carne branca é um peixe que não tem boa aceitação no mercado.

PESCADA AMARELA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 12 quilos. De cor amarela é um peixe muito apreciado e de fácil comercialização.

PESCADA BRANCA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 12 quilos. De cor branca é um peixe muito saboroso que tem boa aceitação no mercado.

PESCARIA DE ARRASTÃO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescaria feita com a rede de arrasto.

PESCARIA DE COVO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescaria realizada no fundo do mar com o auxílio do covão.

PESCARIA DE LINHA DE MÃO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescaria realizada através de linha ou fio de nylon 350.

PESCARIA DE REDE AFUNDADA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescaria realizada com uma rede que fica entre o fundo do mar até meia água.

PESCARIA DE REDE DE ESPERA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O pescador arregaça a rede no mar e aguarda algumas horas para verificar se algum peixe foi fisgado. VER. **Pescaria de rede de fundo.**

PESCARIA DE REDE DE FUNDO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O pescador arregaça a rede no mar e aguarda algumas horas para verificar se algum peixe foi fisgado.

PESCARIA DE REDE DE BOEIRA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

O pescador arregaça a rede em alto-mar. A rede é arrastada até a praia pelo barco com o motor desligado.

PESCARIA DE TARRAFA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescaria feita com redes de tarrafa. Essa modalidade de pesca se dá à beira-mar.

PESQUEIRO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Ponto bom de pesca.

PÉ QUENTE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador bom de pescaria.

PILATO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas, tanto em água doce como na salgada. Na fase adulta chega a medir cerca de 50 centímetros de comprimento e chega a pesar cerca de 400 gramas. De cor branca e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado.

PINCHAR v

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que arremessar as iscas ao mar.

PINICÃO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescador novato. VER. **calça branca**.**PIRÁ** s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 1quilo. De cor branca com traços verdes e de carne branca é um peixe muito apreciado no mercado local.

PIRAMBU s.m

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 40 centímetros de comprimento e chega a pesar até 5 quilos. De cor preta e de carne branca é um pescado de difícil comercialização devido a ser um peixe escuro. [*O <pirambu> é difícil de vender porque é um peixe preto. O pessoal daqui só vende ele sem o coró, só o filé*] (J.B.F.B / M8).

PIRAÚNA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 40 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor vermelha e de carne branca é um pescado bem aceito nos mercados local e internacional.

PISCÍVORO adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe que se alimenta de outros peixes, geralmente menores.

PITIBÓIA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de rede de pescar de pequeno porte que tem uma roda de arame nas bordas muito parecida com uma peneira.

POITA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP) TDSD (NALP)

Pescador preguiçoso que não dá conta do serviço a bordo da embarcação.

POPA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte traseira da embarcação.

PRAÇA DO CANTO DO MANGUE exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Local de descontração no centro do Canto do Mangue.

PREAMAR s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Nível máximo de uma maré. VAR. *maré-cheia*.**PREDADOR** s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Peixe de grande porte que se alimenta de peixes menores.

PROA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte da frente da embarcação.

PUXADEIRA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Corda que fica presa à garatêia que está no fundo do mar até a bóia que está na superfície da água.

Q

QUILHA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte exterior da embarcação, mais precisamente o fundo e as laterais.

R

RABELO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Ponta da corda que sustenta a garatêia.

RÁDIO VHF s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Aparelho tecnológico que fica a bordo da embarcação que serve para a comunicação entre a tripulação que está em alto-mar e às pessoas que estão em terra.

RANCHO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Alimentação utilizada na embarcação durante a pescaria.

REBOJO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Movimento do peixe na superfície da água.

REDE s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Malhas utilizadas na pesca

REDE DE ARRASTO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pesca de malhas pequenas que serve para a captura de peixe menores. A pescaria feita pela rede de arrasto se dá à beira-mar.

REDE DE ESPERA exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pesca de malhas grandes que serve para a captura de peixes maiores. A pescaria feita pela rede de espera se dá em alto-mar.

REDINHA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pescar confeccionada artesanalmente com saco de farelo.

REFUGAR v

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Rejeitar a isca.

RÊGO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Entrada estreita do rio que corta o manguezal. [*Num gosto de entrar nos <Rêgo> porque é estreitinho e os galhos do mangue batem na gente. A gente sai toda arranhada*] (T.N.F / F1)

REMO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Instrumento de madeira que serve para locomover e direcionar a embarcação de pequeno porte.

RESTINGA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Local que tem muitas pedras miúdas no fundo do mar. VAR. *ristinga*. [*Além dos cabeços também é bom pescar nas <restingas>*] (J.A / M1).

ROCAS s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Bairro de Natal onde está localizado o Canto do Mangue.

ROBALO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro e meio de comprimento e chega a pesar até 13 quilos. De cor amarela com uma listra preta no dorso é um pescado muito apreciado no mercado e de fácil comercialização.

RODA DE PROA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Roda de madeira que serve para governar a embarcação. VER **timão**.

RODADA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Pescaria realizada com a embarcação solta, sem estar ancorada.

S

SABERÉ s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 20 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cores amarela, preta e verde e de carne branca é um peixe de difícil comercialização devido ao seu pequeno tamanho.

SALEMA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor branca e de carne branca é um pescado muito apreciado no mercado local.

SANGA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Entrada do covão em forma de funil.

SANHOÁ s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até meio metro de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cores cinza e listas amarelas e carne branca é um peixe de fácil comercialização.

SAPURUNA s.m

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor branca com listras pretas nas laterais e de carne branca é um peixe de fácil comercialização.

SARAMONETE s.m

TDSE (MMDLP) TND (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas profundas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 300 gramas. De cor vermelha e de carne branca é um pescado bem aceito no mercado por ter o mesmo sabor do camarão. VAR. *saramunete*.

SARDINHA CASCUDA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte, que tem muitas escamas no dorso, habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 100 gramas. De cor branca e carne branca é um pescado que não tem boa aceitação no mercado.

SARDINHA DO LOMBO AZUL s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte e habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 40 centímetros de comprimento e chega a pesar até 100 gramas. De cor azulada é um pescado que tem boa aceitação no mercado.

SERRA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 5 quilos. De dentes (superiores e inferiores) parecidos com uma serra, de cor branca e azulada, de carne branca é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

SIRI s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo de tamanho pequeno de natureza agressiva que é encontrado na praia. É um crustáceo muito apreciado e de fácil comercialização. [*o <siri> é como um caranguejo, mas é mais brabo e muito gostoso. A gente vende ele rapidinho*] (T.F.N / F1).

SIRIGADO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de grande porte, da família do mero, que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 2 metros de comprimento e chega a pesar até 150 quilos. De cor branca com pintas preta e amarela no dorso e de carne escura é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

SÔIA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros e chega a pesar até 3 quilos. De cores preta e branca é um pescado de difícil aceitação no mercado local.

SONDA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Aparelho utilizado em alto-mar que tem a finalidade de medir a profundidade da água.

SURURU s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

É um marisco que vive dentro de uma concha. Essa espécie também é encontrada na raiz, no caule e no tronco do mangue. [*O <sururu> é parecido com uma ostra mas não é. Eu preparo ele no côco e o seu caldo é uma delícia*] (M.Z.L.G / F2).

T

TAINHA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte e habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 80 centímetros de comprimento e chega a pesar até 1 quilo. De cores branca (laterais) e preta (dorso) é um pescado que tem boa aceitação no mercado.

TAIOBA s.f

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de búzio que dá na areia da praia oriunda do mar.

TAPAGE s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

É uma rede de pequeno porte que serve para pescar os peixes que ficam presos nas poças de água existentes no mangue, sempre quando a maré está secando.

TARUGO s.m

TDSD (DHLP; MMDLP; NALP)

O mesmo que viveiro de camarão.

TARRAFA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Rede de pescar de malha fina com chumbos nas extremidades.

TIMÃO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Roda de madeira que serve para governar a embarcação.

TOAÇU s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de âncora que funciona com uma corda amarrada em uma pedra ou peças de madeira ou aço.

TRALHA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Todo o material e equipamentos utilizados durante a pescaria.

U

UBARANA s.f

TDSE (MMDLP) TDSD (DHLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas e profundas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 5 quilos. De cor branca e preta é um pescado de difícil comercialização devido a ter muitas espinhas. VAR. *lubarana*. [O pessoal não gosta de comprar a <ubarana> porque é um peixe que tem muitas espinhas igual a sardinha]. (J.B.F.B / M8).

UNHA DE VELHA s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

É um marisco que vive enterrado na lama do mangue. VAR. *unha de veia*. [Eu cozinho a <unha de velha> no coco e fica uma muito gostoso] (T.F.N / F1).

URNA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Compartimento que fica abaixo do convés que serve para congelar os peixes.

V

VELA s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Parte do barco confeccionada com lona que exposta ao vento movimenta a embarcação.

VENTO BRANDO exp

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Vento tranquilo propício para navegar.

VENTO DURO s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Vento forte que deixa o mar agitado e com péssima condição para navegação.

VENTO SUL-OESTE s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Vento que começa na terra e segue em direção ao mar. Acontece sempre nas madrugadas.

VERMELHA DE CISCO s.f

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 30 centímetros de comprimento e chega a pesar até 500 gramas. De cor vermelha e de carne branca é um pescado de difícil comercialização.

VESTE s.f

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Colete usado durante a pescaria em alto-mar.

VIVEIRO s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Criadouro de camarão

VOADOR adj

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de pequeno porte que realiza vôos planados de dentro para fora da água, que habita águas profundas. Na fase adulta chega a medir 25 centímetros de comprimento e chega a pesar até 200 gramas. De cor azulada, de carne escura é um pescado que tem pouca aceitação no mercado por ter muita espinha.

X

XARÉU s.m

TDSE (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de peixe de médio porte que habita em águas rasas. Na fase adulta chega a medir até 1 metro de comprimento e chega a pesar até 25 cm. De cor amarelada e de carne branca com partes escuras é um pescado muito apreciado e de fácil comercialização.

XIÉ s.m

TND (DHLP; MMDLP; NALP)

Espécie de caranguejo de pequeno porte, de pata grande e de cor amarelada. Essa espécie não tem valor comercial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante os dados linguísticos fornecidos pelos pescadores e pescadoras entrevistados no decorrer da pesquisa de campo, chegamos à conclusão de que a linguagem dos pescadores que atuam profissionalmente no Canto do Mangue, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte é, em quase sua totalidade, homogênea sendo constatadas apenas algumas variações de natureza fonológica. Nesse sentido, as análises conclusivas revelaram, sobretudo, um universo linguístico rico em palavras especializadas nos âmbitos: profissional, social e cultural.

Através de constantes visitas à comunidade do Canto do Mangue e a realização de entrevistas gravadas (coletivas e individuais) - com 10 pescadores e 10 pescadoras durante o ano de 2009 - ancoradas no questionário semântico-lexical obtivemos um excelente resultado no que se refere ao contexto linguístico dos pescadores e pescadoras que atuam profissionalmente naquela localidade.

O resultado, ora registrado no glossário dos pescadores do Canto do Mangue, apresenta um total de 276 termos coletados, sendo que destes, 98 não são dicionarizados; 35 são dicionarizados, mas com sentidos diferentes e 143, são dicionarizados com sentidos equivalentes aos autores: Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (DHLP), Michaelis Moderno Dicionário da Língua Portuguesa (MMDLP) e Novo Aurélio da Língua Portuguesa (NALP).

Tais números representam com exatidão uma amostra representativa (pois acreditamos que o léxico da comunidade estudada possua uma dimensão ainda maior que poderá ser revelado a partir de um novo estudo linguístico) do acervo lexical dos pescadores e pescadoras profissionais que atuam no Canto do Mangue, em Natal, no Estado do Rio Grande do Norte. Nessa perspectiva, os termos coletados são significantes para descrever a riqueza linguística peculiar aos profissionais ora investigados.

Como síntese do que se apresentou nessa dissertação, a presente pesquisa foi organizada em quatro capítulos distintos:

- No primeiro capítulo abordamos a origem da pesca, a pesca no Brasil e, por último, a pesca artesanal no Rio Grande do Norte;
- No segundo capítulo apresentamos as fundamentações teóricas: Lexicologia, Lexicografia, Semântica, Sociolinguística, Etnolinguística e Dialetoлогия;
- No terceiro capítulo enfatizamos os procedimentos metodológicos da pesquisa: delimitação do corpus, seleção da localidade, seleção dos informantes, universo da pesquisa, critérios de amostragem, estratificação da amostra, tipo e perfil dos informantes, instrumentos de pesquisa, levantamento dos dados, aplicação dos instrumentos de pesquisa e registro dos dados coletados;
- O quarto e último capítulo destinamos para a micro e macroestrutura do glossário dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN.

Dando continuidade, segue o glossário, de modelo onomasiológico, dos pescadores que atuam profissionalmente no Canto do Mangue, em Natal/RN e, por fim, seguem as considerações finais.

Acreditamos que, a partir dos dados lexicais e semânticos - registrados na presente dissertação - esta pesquisa ganhe relevante importância para os estudos de natureza linguística da contemporaneidade.

Diante do exposto, esperamos, também, que a presente pesquisa seja uma importante aliada aos pesquisadores e estudiosos da área de Humanas e das demais áreas do conhecimento que se interessem em investigar questões ligadas à linguagem que se faz presente em uma determinada comunidade de falantes, em especial, a dos pescadores do Canto do Mangue, em Natal/RN.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos; ALUÍZIO, Sandra Maria; OLIVEIRA, Leandro Henrique Mendonça de. O método em Terminologia: revendo alguns procedimentos. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. V.3.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. **O linguístico e o cultural nos contos populares paraibanos**. In: Simpósio: TRADIÇÃO ORAL, LITERATURA POPULARA, DISCURSO ETNO-LITERÁRIO. 57. Reunião Anual da SBPC. Fortaleza: UECE, 2005.

ANDRADE, Maria Margarida de. Lexicologia, Terminologia: definições, finalidades, conceitos operacionais. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

_____. Maria Margarida de. **Curso de língua portuguesa para a área de humanas**. São Paulo: Atlas, 1997.

_____. Maria Margarida de; HENRIQUES, Antônio. **Língua portuguesa: noções básicas para cursos superiores**. São Paulo: Atlas, 2004.

BAGNO, Marcos. **A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola, 2003.

BARBOSA, Maria Aparecida. **Estrutura, funções e processos de produção de dicionários terminológicos multilíngues**. In: <http://www.gelne.ufc.br/revista_ano1_no2_08.pdf> Acessado em: julho de 2009.

BEVILACQUA, Cleci Regina; FINATTO, Maria José Bocorny. **Lexicografia e terminografia: alguns contrapontos fundamentais**. São Paulo: Alfa, 2006.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2ª Ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

BONOMI, Andréa; USBERTI, Gabriele. **Sintaxe e semântica na gramática transformacional**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

BORBA, Francisco da Silva. **Pequeno vocabulário de linguística moderna**. 2ª Ed. São Paulo: Nacional, 1976.

BREAL, Michel. **Ensaio de semântica**. São Paulo: EDUC, 1992.

CABRAL, Leonor Scliar. **Introdução à linguística**. Porto Alegre: Globo, 1976.

CABRÉ, Maria Tereza. **La terminología**. Barcelona: Editorial Empúries S.A, 1993.

_____. **Uma nova teoria de la terminologia:** de la denominación a La comunicación. Cuba: Actas do VI Simpósio Iberoamericano de Terminologia, 1998.

CARDOSO, Suzana. **A dialectologia no Brasil:** perspectivas. São Paulo: Ed. Delta. Vol. 15, Nº especial, 1999.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica.** Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COSERIU, Eugênio. **Fundamentos e tarefas da sócio e etnolinguística** In: I CONGRESSO NACIONAL DE SÓCIO E ETNOLINGUÍSTICA. João Pessoa: UFPB, 1987.

COSTA, Maria Cristina Rigoni. **O léxico de profissões e ofícios.** Rio de Janeiro: UFRJ, 1989.

CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DIJK, Teun Adrianus Van. **Cognição, discurso e interação.** São Paulo: Contexto, 2000.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística.** São Paulo: Cultrix, 1978.

DUCROT, Oswald. **Princípios de semântica linguística.** São Paulo: Cultrix, 1972.

ELIA, Sílvio. **Sociolinguística:** uma introdução. Rio de Janeiro: Padrão, 1987.

FAULSTICH, Enilde. **Elaboração de um glossário de termos de melhoramento genético de plantas.** In: <<http://www.riterm.net/actes/3simposio/faulstic.htm>> Acessado em julho de 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio da Língua Portuguesa.** 3ª Ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FERREIRA, Efrem. **Peixes comerciais do médio Amazonas:** região de Santarém, Pará. Brasília: Edições IBAMA, 1998.

FERREIRA, Leda Leal; DONATELLI, Sandra; JÚNIOR, Francisco Alves Reis. **Análise coletiva do trabalho de pescadores – mergulhadores de lagosta brasileiros.** São Paulo: Fundacentro/DRT, 2003.

FILHO, Alcides Ribeiro Teixeira. **Piscicultura ao alcance de todos.** São Paulo: Nobel, 1991.

FINATTO, Maria José Bocorny. Termos, textos e textos com termos: novos enfoques dos estudos terminológicos de perspectiva linguística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça. **As ciências do Léxico:** lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. v. 2.

FONSECA, Maria Stella Vieira; NEVES, Moema. **Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

GALLI, Luiz Fernando; TORLONI, Carlos Eduardo. **Criação de peixes**. São Paulo: Nobel, 1992.

HAENSCH, Gunther; WOLF, Lothar; ETTINGER, Stefan; WERNER, Reinhold. **La Lexicografía**: De la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gregos, 1982.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

IBAMA, Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e Estuarina do Estado do Rio Grande do Norte-2007. Natal: Ministério do Meio Ambiente, 2008.

ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**: brincando com as palavras. São Paulo: Contexto, 2008.

KEMPSON, Ruth. **Teoria semântica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

KRIEGER, Maria da Graça. Do reconhecimento de Terminologias: entre o linguístico e o textual. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria d Graça (org). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. V.2.

_____. **Terminologias em construção**: procedimentos metodológicos. São Paulo: Alfa, 2006.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

LOPES, Edward. **Fundamentos da linguística contemporânea**. São Paulo: Cultrix, 1972.

LYONS, John. **Linguagem e linguística**: uma introdução. Rio de Janeiro: LTC, 1987.

MACIEL, Anna Maria Becker. Quais são os rumos da Terminologia no Século XXI? In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. V.3.

MARQUES, Maria Helena Duarte. **Iniciação à semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

MATTOSO, J. Câmara Jr. **Dicionário de linguística e gramática**. 8ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1879.

MERCOESTE – Pacto do desenvolvimento do oeste brasileiro. **Diário de Pesca**. Brasília, 2000.

MICHAELIS. **Moderno Dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 1998.

MIRANDA, Vicente Chermont de. **Glossário Paraense**: Coleção de vocábulos peculiares à Amazônia e especialmente à ilha do Marajó. Belém: UFPA, 1968.

MOUNIN, Georges. **Introdução à linguística**. Lisboa: Iniciativas Editoriais, 1968.

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**: domínios e fronteiras. São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia e terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

PERINI, Mário Alberto. **Para uma nova gramática do português**. São Paulo: Ática, 1995.

_____. **Princípios de linguística descritiva**: introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.

PRETTI, Dino. **Sociolinguística**: os níveis de fala. São Paulo: Nacional, 1977.

RECTOR, Mônica; YUNES, Eliana. **Manual de semântica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

ROSA, Maria Carlota. **Introdução à morfologia**. São Paulo: Contexto, 2006.

SANTOS, Eurico. **Pesca e piscicultura**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1985.

SAUSSURE, Ferdinand. **O valor linguístico**. In: Curso de linguística geral. São Paulo: Cultrix, 1997.

SILVA, Úrsula Rosa da. **A linguagem muda e o pensamento falante**: sobre a filosofia da linguagem em Maurice Merleau- Ponty. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1994.

SILVA, Oswaldo Wenceslau Silva. **A pesca em rios e lagoas do Brasil**. Rio de Janeiro – São Paulo: Forense, 1968.

TAMBA-MECZ, J. **A semântica**. São Paulo: Parábola, 2006.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1985.

VEADO, Rosa Maria Assis. **Comportamento linguístico do dialeto rural**. Belo Horizonte: UFMG/PROED, 1982.

VILELA, Mário. **Estruturas léxicas do português**. Coimbra: Almedina, 1979.

_____. **Problemas da lexicologia e lexicografia**. Porto: Civilização, 1979.

ANEXOS

Anexo 1 – Modelo da Ficha do Informante

Anexo 2 – Modelo da Ficha da Localidade

Anexo 3 – Modelo de Ficha Terminológica

Anexo 4 – Questionário Semântico-Lexical

Anexo 5 - Fotografias

ANEXO 1 – FICHA DO INFORMANTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA – Semióticas Verbais e Sincréticas
PESQUISA – *O léxico do Canto do Mangue*
ORIENTADORA – Maria do Socorro Silva de Aragão
PESQUISADOR – Wellington Lopes dos Santos

FICHA DO INFORMANTE		
NÚMERO DA FICHA	DATA DE PREENCHIMENTO	
I – NÍVEL PESSOAL E PROFISSIONAL		
1. NOME	2. CÓDIGO	
3. NASCIMENTO	4. IDADE	5. SEXO
6. ESTADO CIVIL	FILHOS	
7. NATURALIDADE		
8. ENDEREÇO RESIDENCIAL		
9. TELEFONE		
10. PROFISSÃO	11. TEMPO DE EXERCÍCIO DA PROFISSÃO	
12. TEMPO DE RESIDÊNCIA EM NATAL		
13. ESCOLARIDADE		

ANEXO 2 – FICHA DA LOCALIDADE

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA – Semióticas Verbais e Sincréticas
PESQUISA – *O léxico do Canto do Mangue*
ORIENTADORA – Maria do Socorro Silva de Aragão
PESQUISADOR – Wellington Lopes dos Santos

FICHA DA LOCALIDADE	
1. NOME OFICIAL	
2. OUTROS NOMES	
3. DATA DA FUNDAÇÃO	4. UNIDADE FEDERATIVA
5. MESOREGIÃO	
6. MICROREGIÃO	
7. DENSIDADE DEMOGRÁFICA	
10. ÁREA	11. ALTITUDE
12. LIMITES	
13. INDÚSTRIA	
14. COMÉRCIO	
15. EMISSORAS DE RÁDIO	
16. EMISSORAS DE TELEVISÃO	
17. JORNAIS	
18. ATIVIDADES E LOCAIS TURÍSTICOS	
19. MANIFESTAÇÕES CULTURAIS	
20. RELIGIÕES MAIS REPRESENTATIVAS	
OBSERVAÇÕES	

ANEXO 3 – FICHA TERMINOLÓGICA

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA – Semióticas Verbais e Sincréticas
PESQUISA – *O léxico do Canto do Manguê*
ORIENTADORA – Maria do Socorro Silva de Aragão
PESQUISADOR – Wellington Lopes dos Santos

FICHA TERMINOLÓGICA	
1. TERMO-ENTRADA	2. CÓDIGO
3. REFERÊNCIAS GRAMATICAIS	
4. VARIANTES	
5. INDICAÇÃO DE DICIONARIZAÇÃO DHLP – DICIONÁRIO HOUAISS () TDSE () TDSD () TND MMDLP – DICIONÁRIO MICHAELIS () TDSE () TDSD () TND NALP – NOVO DICIONÁRIO AURÉLIO () TDSE () TDSD () TND	6. ACEPTAO DICIONARIZADA
7. DEFINIÇÃO SEGUNDO INFORMANTES E AUTORES	
CÓDIGO	DEFINIÇÃO 1
CÓDIGO	DEFINIÇÃO 2
CÓDIGO	DEFINIÇÃO 3
8. DEFINIÇÃO FINAL	
9. CONTEXTO DE USO	
10. NOTAS EXPLICATIVAS	
LINGUÍSTICA	ENCICLOPÉDICA
FONTE	FONTE
REMISSIVAS	
OBSERVAÇÕES	DATA DA ÚLTIMA ATUALIZAÇÃO

ANEXO 4 – QUESTIONÁRIO SEMÂNTICO-LEXICAL

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
LINHA DE PESQUISA – Semióticas Verbais e Sincréticas
PESQUISA – *O léxico do Canto do Manguê*
ORIENTADORA – Maria do Socorro Silva de Aragão
PESQUISADOR – Wellington Lopes dos Santos

- 1) Quais as principais espécies de peixes existentes na costa potiguar?
- 2) São peixes de águas profundas ou rasas?
- 3) Quais as principais características?
- 4) Tem boa aceitação no mercado?
- 5) Qual o melhor momento para pescar?
- 6) O que se deve fazer para realizar uma boa pescaria?
- 7) Que fatores naturais e físicos influenciam na pescaria?
- 8) Qual a importância da maré para uma boa pescaria?
- 9) Quais os materiais indispensáveis para realizar a pescaria?
- 10) O que caracteriza, de fato, um pescador?
- 11) Existem categorias de pescadores?
- 12) Com quantos anos de atividade um pescador torna-se profissional?
- 13) Que tipo de embarcação é apropriada para realizar uma boa pescaria?
- 14) Existem aparelhos tecnológicos na embarcação? Pra que servem?
- 15) Como é o expediente da tripulação em alto-mar?
- 16) O pescador também exerce outra função em alto-mar?
- 17) Qual a função dos tripulantes de uma embarcação de pesca?
- 18) Uma embarcação suporta quantos tripulantes em alto-mar?

- 19) Quantos dias, em média, uma embarcação permanece em alto-mar?
- 20) Quantos dias, em média, uma embarcação permanece em terra?
- 21) Quais os espaços físicos existentes numa embarcação?
- 23) Quais são os tipos de pescaria realizados na costa potiguar?
- 24) Como é o dia-a-dia do pescador em terra?
- 25) O que é a pescaria para o senhor (a)?

ANEXO 5 – FOTOGRAFIAS

Wellington Lopes



Vista panorâmica do Canto do Mangue – Natal/RN

Wellington Lopes



Embarcações atracadas no Canto do Mangue – Natal/RN

Wellington Lopes



Pescador retirando a âncora do fundo do rio Potengi – Canto do Mangue – Natal/RN

Wellington Lopes



Canoa e barcos motorizados atracados no rio Potengi – Canto do Mangue – Natal/RN

Wellington Lopes



Embarcações atracadas no rio Potengi – Canto do Mangue – Natal/RN

Wellington Lopes



Pescadores chegando do mar na jangada

Wellington Lopes



Pescadores fazendo a limpeza e manutenção da jangada

Ana Carla Benedito



Entrevista com o pescador Francisco Alves (Neguinho)

Ana Carla Benedito



Entrevista com o pescador José Celestino (irmão Júnior)

Ana Carla Benedito



Entrevista com o pescador José Gomes da Silva (Dedé)

Helber Lopes



Entrevista coletiva com as pescadoras do rio Potengi

Helber Lopes



pescadoras do rio Potengi